



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA**

LUCAS MOURA DA SILVA

A importância da prática da biblioterapia e a atuação do bibliotecário como mediador

Recife - PE

2024

LUCAS MOURA DA SILVA

A importância da prática da biblioterapia e a atuação do bibliotecário como mediador

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Hélio Márcio Pajeú

Recife - PE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Lucas Moura da.

A importância da prática da biblioterapia e a atuação do bibliotecário como mediador / Lucas Moura da Silva. - Recife, 2025.
63 p.

Orientador(a): Hélio Márcio Pajeú

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Biblioteconomia, 2025.
Inclui referências.

1. Biblioterapia. 2. Biblioteconomia social. 3. Leitura Literária. 4. Mediação de leitura. 5. Bibliotecário Biblioterapeuta. I. Pajeú, Hélio Márcio. (Orientação). II. Título.

020 CDD (22.ed.)

LUCAS MOURA DA SILVA

A importância da prática da biblioterapia e a atuação do bibliotecário como mediador

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia..

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hélio Márcio Pajeú (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Celly de Brito Lima (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Me. Wérleson Alexandre de Lima Santos
Universidade Federal de Pernambuco

À meus avôs, Seu Galego, Dona Nega e Seu Cico,
que para sempre estarão vivos em minha memória.

AGRADECIMENTOS

Começo dedicando esse trabalho à vovó Maria, por ser uma das pessoas mais importantes, mais doces e a avó que todos gostariam de ter. Há algumas pessoas que fizeram com que essa caminhada da graduação fosse mais leve, primeiramente, agradeço e dedico aos meus pais, Jurandir e Dacia, que batalharam tanto para que minhas lutas fossem pequenas. Obrigado por sempre acreditarem em mim e terem dado de tudo para que eu e Matheus pudéssemos ter uma educação de qualidade, por conta de tudo que vocês fizeram e fazem, hoje posso escrever essas palavras. Em seguida, agradeço a Matheus, meu irmão, por todos os bons momentos e descontração durante a escrita desse trabalho, e principalmente, por todo companheirismo durante toda a vida.

Também a Yasmin, minha amada, por me acompanhar nesse processo de escrita, obrigado por me ouvir reclamar, e possibilitar bons momentos mesmo durante tempos ruins. Ao teu lado a vida é leve e bela, que seja assim também a nossa vida.

Agradeço aos colegas de graduação, e a todos os professores do Departamento de Ciência da Informação, em especial a Hélió Pajeú, por ter me orientado e me inspirado a escrever sobre esse tema, quando tive contato na disciplina de Seminários de leitura.

Todo esse caminho só foi possível ser trilhado por conta de vocês, portanto que vocês também estejam presentes nesse final, que é só o começo.

Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros.

(A arte de ler - Michèle Petit)

RESUMO

O bibliotecário tem uma responsabilidade social e um papel na sociedade de ser um democratizador e mediador da informação, sendo capaz de ser um agente transformador nas bibliotecas e unidades da informação. A partir disso, existe a possibilidade de por meio da mediação cultural, desenvolver a biblioterapia, que é a aplicação de ações que envolvem leitura e mediação de leitura, permite que o sujeito transforme sua vida através dos livros e dessas ações literárias. Dessa forma, este trabalho teve como objetivo geral compreender a função social do bibliotecário, com intenção de investigar de que maneira o profissional pode atuar no campo da biblioterapia, assim como sua importância nesse contexto. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: realizar uma exploração acerca da biblioteconomia social e o bibliotecário como mediador cultural; discutir a leitura literária na formação de leitores; refletir sobre a biblioterapia como ação mediadora de leitura; bem como considerar o papel do bibliotecário biblioterapeuta. Em relação à metodologia, é uma pesquisa bibliográfica que busca estabelecer uma discussão teórica e explorar sobre a prática da biblioterapia, analisando e apresentando as informações sobre o assunto, sua aplicabilidade e a ação do bibliotecário nesse contexto. Por meio do levantamento bibliográfico foi possível observar as características e necessidades para a formação de um profissional com responsabilidade social e humanística, a ação e os conceitos da leitura e da biblioterapia, bem como a atuação do bibliotecário biblioterapeuta em relação a mediação de livros e leitura como ferramenta para transformação pessoal.

Palavras-chave: Biblioterapia. Biblioteconomia social. Leitura Literária. Mediação de leitura. Bibliotecário Biblioterapeuta.

ABSTRACT

The librarian has a social responsibility and a societal role as a democratizer and mediator of information, capable of acting as a transformative agent in libraries and information units. Through cultural mediation, there is an opportunity to develop bibliotherapy, a practice involving reading and reading mediation, that enables individuals to transform their lives through books and literary activities. Thus, this study aimed to broadly understand the social role of librarians by investigating how professionals can engage in the field of bibliotherapy, as well as their importance in this context. To achieve this goal, the following specific objectives were established: to explore social librarianship and the librarian as a cultural mediator; to discuss literary reading in fostering reader development; to reflect on bibliotherapy as a mediating reading practice; and to consider the role of the bibliotherapist librarian. Methodologically, this is a bibliographic research that seeks to establish a theoretical discussion and explore the practice of bibliotherapy, analyzing and presenting information on the subject, its applicability, and the librarian's actions in this context. Through the literature review, it was possible to identify the characteristics and requirements for training professionals with social and humanistic responsibility, the concepts and practices of reading and bibliotherapy, as well as the role of the bibliotherapist librarian in mediating books and reading as tools for personal transformation.

Keywords: Bibliotherapy. Social Librarianship. Literary Reading. Reading Mediation. Librarian-Bibliotherapist.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A BIBLIOTECONOMIA SOCIAL E O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR CULTURAL...	14
3 A LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DE LEITORES.....	23
4 A BIBLIOTERAPIA COMO AÇÃO DE MEDIAÇÃO DE LEITURA.....	36
5 O BIBLIOTECÁRIO BIBLIOTERAPEUTA.....	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

A biblioteconomia, segundo Souza (1986), tem como objetivo a organização, preservação e disseminação da informação, desempenhando um papel crucial na mediação entre o conhecimento e a sociedade, porém, o longo das últimas décadas, enquanto campo multidisciplinar, a profissão tem passado por significativas transformações, ampliando seu escopo de atuação para além das técnicas de organização. Hoje, o bibliotecário assume o papel de mediador, atuando como um agente social que promove a democratização do acesso à informação e a inclusão dos cidadãos na sociedade. Essa mudança de paradigma reflete a necessidade de uma abordagem mais humanista e social na formação e atuação profissional, alinhada às demandas contemporâneas por equidade e justiça social.

A biblioteconomia social surge como uma vertente que integra os princípios de inclusão, democratização da informação e responsabilidade social nas suas práticas, essa abordagem coloca em evidência o papel do bibliotecário como um facilitador de mudanças sociais, indo além da simples organização do acervo e auxiliando na formação de repertório informacional e cultural dos usuários, fazendo com que estes compreendam e se apropriem do mundo ao seu redor. Nesse contexto, a mediação cultural e a formação de leitores são elementos que estão englobados na atuação do bibliotecário, que passa a ser visto como um agente transformador, capaz de promover a cidadania e o desenvolvimento social por meio da informação e da cultura.

A leitura por sua vez, assume um papel fundamental nesse processo sendo compreendida como um meio para que o indivíduo reflita sobre sua realidade e se reconheça como parte integrante da sociedade e da comunidade em que vive. Para Cândido (2012) a literatura enquanto manifestação universal da condição humana, oferece um espaço de autoconhecimento e transformação, onde o leitor pode explorar novas perspectivas e ressignificar suas experiências. Nesse sentido, a biblioterapia surge como uma prática que utiliza da leitura como ferramenta terapêutica, buscando promover o bem-estar emocional e o crescimento pessoal por meio da interação com textos literários.

Para Shrodes (1960) a biblioterapia é um conjunto de ações de mediação que vai utilizar de livros e outros materiais de leitura, para auxiliar e estimular uma reflexão podendo proporcionar um autoconhecimento e transformação pessoal, aprendizado, cura e prevenção no contexto da saúde mental. Para isso o bibliotecário biblioterapeuta faz um papel de mediador, entendendo a necessidade do indivíduo ou grupo com qual ele está trabalhando

para fazer uma seleção correta dos materiais para que atenda as necessidades e cumpra a função terapêutica.

Portanto o trabalho da biblioterapia é o de criar um contexto de relação entre a pessoa que está no processo biblioterapêutico com o livro, estabelecendo um diálogo entre o texto e o indivíduo, colocando o sujeito na posição de observador e fazê-lo refletir sobre seus problemas, fazendo com que compreenda os problemas que esteja passando, usando a literatura como uma ferramenta para compreender e encarar suas questões sem se machucar. Essa forma de tratamento é possível pois a leitura faz com que o leitor vá além do próprio ato de ler, o sentido e impacto que um texto pode ter em um indivíduo vêm do passado e da bagagem intelectual que ele possui, é nesse intercâmbio entre narrativa literária e história pessoal que ocorre a metamorfose, tornando a leitura uma jornada terapêutica capaz de ressignificar experiências.

Não por acaso, a leitura e a literatura ocupam um espaço de construção e formação do meu ser desde a infância, um dos primeiros presentes que recebi, antes mesmo de aprender a ler, foi um livro de fantasias com diversos contos e histórias dado pelo meu pai, sendo influenciado positivamente a ter a leitura presente na minha vida. Durante a pandemia, com todas as dificuldades presentes, encontrei refúgio na literatura, conseguindo enfrentar os problemas que surgiram para a sociedade, e tendo um acalento e aprendizado por meio das histórias e ensinamentos presentes nos livros, percebendo então o poder que a literatura, a leitura e a mediação tem no contexto do cuidado da mente e aprendizado para melhoria pessoal, profissional e social. Portanto, passei a me questionar sobre o impacto da biblioterapia e como o bibliotecário pode exercer a função de biblioterapeuta, ao ponto de trazer estes questionamentos para este trabalho.

Levando em consideração o valor do tema para a área da biblioteconomia e da necessidade de ampliar as discussões sobre as práticas profissionais, este trabalho tem como objetivo geral compreender a função social do bibliotecário, e investigar de que maneira o profissional pode atuar no campo da biblioterapia, assim como sua importância nesse contexto. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: realizar uma exploração acerca da biblioteconomia social e o bibliotecário como mediador cultural; discutir a leitura literária na formação de leitores; refletir sobre a biblioterapia como ação mediadora de leitura, bem como considerar o papel do bibliotecário biblioterapeuta.

Para executar os objetivos, foi realizada uma pesquisa exploratória, que tem “como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2010, p.29). Já a pesquisa é de caráter teórico e

bibliográfico, por ser elaborada em materiais publicados em diversos meios, artigos, monografias, teses, dissertações e livros, possibilitando a investigação do tema de maneira ampla, como define Gil (2010). Essa abordagem permite uma análise aprofundada das práticas e teorias relacionadas à biblioterapia e a mediação cultural, contribuindo para a compreensão do papel do bibliotecário nesse contexto.

A relevância deste estudo reside na necessidade de repensar o papel dos bibliotecários na sociedade contemporânea, onde a informação e o conhecimento deveriam ser cada vez mais valorizados como instrumentos de transformação social. Ao abordar temas como biblioteconomia social, mediação cultural e a biblioterapia, este trabalho busca contribuir para a reflexão sobre como os profissionais da informação podem atuar de forma mais efetiva e cuidadosa na promoção da cidadania, do desenvolvimento humano, e principalmente no cuidado da saúde mental. Por fim, espera-se que este estudo possa inspirar novas práticas e abordagens na área da biblioteconomia, reforçando o papel do bibliotecário como um agente social e como um biblioterapeuta.

No primeiro capítulo, trabalharemos sobre a biblioteconomia social e sobre o bibliotecário mediador, explorando uma abordagem que integra princípios de inclusão, democratização do conhecimento e mediação cultural, transcendendo a visão tradicional da área centrada na organização técnica de acervos. A formação do profissional, portanto, deve incorporar competências para atuar em contextos comunitários, combatendo marginalizações e fomentando democracia por meio de ações como a biblioterapia.

Sobre a leitura literária na formação dos leitores, é um ato que vai além da decodificação de palavras, envolvendo a interpretação do mundo e a interação entre texto, contexto e leitor, reforçando assim o caráter terapêutico da leitura, que ao conectar vivências individuais a universos ficcionais, promove reflexão crítica, emancipação e transformação. É nesse contexto que a biblioterapia se encaixa, através da interação com o livro, o leitor explora suas emoções, memórias e experiências, ressignificando-as em um processo dialógico entre texto e indivíduo.

Por fim, exploraremos como o bibliotecário biblioterapeuta pode atuar utilizando a literatura como ferramenta terapêutica. Sua função vai além da simples indicação de livros, envolvendo a compreensão das necessidades emocionais e psicológicas do leitor, a curadoria cuidadosa de obras e a criação de um ambiente seguro para a leitura. A biblioterapia, quando integrada a uma abordagem multidisciplinar com profissionais da saúde, como psicólogos e terapeutas, amplia seu impacto, essa colaboração permite alinhar a leitura a tratamentos clínicos, monitorar os efeitos das obras e ajustar as intervenções conforme o progresso do

leitor. Assim, o bibliotecário biblioterapeuta desempenha um papel essencial na promoção do bem-estar emocional e no desenvolvimento humano, contribuindo para a transformação individual e social por meio da leitura e da cultura

2 A BIBLIOTECONOMIA SOCIAL E O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR CULTURAL

A biblioteconomia é uma área multidisciplinar que abrange o estudo da organização, preservação e disseminação da informação. Existem algumas definições e conceitos que determinam as diretrizes do campo de atividade se constituindo como uma disciplina prática, tornando o bibliotecário um instrumento de ação, preservação e mediação cultural.

Souza (1986) diz que o papel da biblioteconomia é delimitar o universo de conhecimento para poder tratá-lo e disseminá-lo, com o intuito de informar e possibilitar às pessoas a informação, assim como controlar a informação e definir como ela irá servir a cada segmento da sociedade. Nesse conceito enxergamos a função mediadora do profissional, em que o bibliotecário deve utilizar de suas técnicas para tratar a informação e com base nas necessidades dos usuários disponibilizá-la para suprir as demandas individuais e da comunidade.

Silva e Freire (2017) vê a biblioteconomia como organização, difusão e acesso à informação; procedimentos para recuperação de informação, quantidade e qualidade de livros em uma biblioteca. A organização da informação e do conhecimento vai acontecer por meio dos sistemas de classificação que foram produzidos pelos estudiosos do passado, como Dewey e Ranganathan.

Ranganathan foi um teórico da biblioteconomia que definiu 5 princípios que são importantes para a área. As 5 leis de Ranganathan, apresentadas por Figueiredo (1992) são: 1. Livros são para uso; 2. A cada leitor seu livro; 3. A cada livro seu leitor; 4. Economize o tempo do leitor; 5. A biblioteca é um organismo em crescimento.

A primeira lei deixa implícito o conceito de disseminação da informação, sobre o papel do bibliotecário de levar a informação ao usuário e a biblioteca ser acessível ao usuário. A segunda e terceira lei, tratam de disponibilizar a informação correta e ser um filtro, no sentido de que todas as pessoas podem ter acesso aos livros, porém não a todo e qualquer livro, por isso o bibliotecário é um curador para que o usuário tenha a informação que necessita dentro das suas limitações e características.

A quarta lei, poupar o tempo do leitor, é no sentido de tornar os serviços da biblioteca e dos profissionais eficientes, para que o usuário tenha o que necessita o mais rápido possível. E a quinta lei trata do ambiente físico, a biblioteca está em constante crescimento, sempre chegando mais livros e tendo mais informações presente nela, é necessário ter um

planejamento para conseguir ser um repositório com o máximo de informação da melhor forma possível, respeitando as limitações físicas e espaciais do local.

Existe então esta grande dissensão dentro da Biblioteconomia, de um lado a tradição humanista, pragmática, a qual o bibliotecário tem relação erudita e filosófica no desempenho de suas atividades e grande crítico cultural, tornando o seu usuário como o centro de tudo. Por outro lado, temos também a Biblioteconomia tecnicista, baseada na teoria da representatividade, onde o bibliotecário passa a ser especialista documental, um classificador que reconhece, identifica e representa a informação (Lindemann, 2014, p. 27)

O equilíbrio entre a eficiência técnica e a sensibilidade humanista é crucial para a atuação contemporânea do bibliotecário. Portanto, o bibliotecário deve atuar como um profissional completo, que domina as ferramentas técnicas para desenvolver a mediação cultural, atendendo às demandas informacionais e sociais da comunidade. “É preciso considerar a dimensão histórica e contextual dos interesses sociais que envolvem as políticas e manifestações de mediação” (Lima; Perroti, 2016, p. 164)

A formação do bibliotecário não deve se basear apenas nas técnicas, é importante considerar como a técnica pode agir na qualidade de um fator de integração social, especialmente nas áreas onde a informação não tem presença significativa. Em bibliotecas comunitárias, os bibliotecários podem fazer uma diferença ao se tornar um mediador que irá promover a disseminação democrática da informação, a consciência social e a cidadania.

Assim, é importante destacar o caráter humanista na formação do bibliotecário, que começa no juramento que se faz ao se tornar um profissional graduado, o CRB 4 (Resolução CFB nº 006/66) apresenta o juramento da seguinte forma, “prometo tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão bibliotecário fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana”, ou seja, os bibliotecários têm o papel essencial de promover o acesso a informação de forma livre, justa e equitativa.

Para Paulo Freire (1987) a educação tem papel fundamental na vida dos seres humanos que é de humanizar, e é por meio dela que os indivíduos irão se reconhecer como um semelhante. Para Sousa (2018) a literatura é um modo de formação humana da sociedade, é um fator indispensável de humanização e, sendo assim, confere ao homem a sua humanidade. Portanto, a literatura e a educação tem a capacidade humanizadora que a biblioteconomia tanto defende e tenta aplicar em seu cerne.

A formação humana do bibliotecário tem relação com o caráter social do profissional, tem um foco não apenas nas técnicas organizacionais, mas um enfoque principalmente nos processos de mediação da informação, onde as técnicas serão um meio e não o produto final

do trabalho. Disponibilizar a informação, principalmente para as áreas mais carentes, é o papel humanitário que tem o bibliotecário e a unidade de informação, fazer e tomar para si essa função de oferecer incentivos e possibilidades para que a liberdade da informação alcance toda a sociedade.

Dessa forma, é importante que o bibliotecário explore outras áreas para ressaltar o lado humanístico da profissão. Como a literatura e a educação são meios para tal, a biblioterapia é uma área que pode ser explorada, já que tem as características da literatura e educação presentes. “A prática da Biblioterapia é a interação, a qual ocorre em vários níveis, seja entre o texto e o indivíduo, ou entre os próprios participantes da atividade. O diálogo é uma das formas de interação mais estimuladas nesses encontros” (Sousa, 2018, p. 366), assim sendo, as trocas que acontecem em ações de biblioterapia, servem como atividades humanizadoras para os participantes e para os profissionais mediadores.

Mas antes é necessário ressaltar a biblioteconomia social, que surge com uma abordagem que integra os princípios sociais, de inclusão e democratização do conhecimento, juntamente com as práticas e técnicas bibliotecárias. Diferenciando-se da perspectiva tradicional, essa abordagem põe em foco o papel dos bibliotecários na mediação da informação e no incentivo de mudanças sociais. Ou seja, influenciando a forma com que os usuários vão construir seu repertório informacional e dessa forma perceber, compreender o mundo e a sociedade a qual ele está inserido.

Nesse contexto, a formação dos bibliotecários tem uma grande importância na consciência social do profissional, sendo assim, é fundamental que as graduações incorporem em seus currículos conteúdos que preparem os bibliotecários para as necessidades sociais e para a mediação. Portanto, o papel dos bibliotecários seria contribuir para o desenvolvimento das sociedades, facilitando a geração de conhecimentos.

As discussões sobre a responsabilidade social tem sido foco em diversas áreas, tanto em grandes corporações, empresas, quanto no âmbito individual, e nas bibliotecas. “A temática da Responsabilidade Social vem sendo fruto de discussão [...] nas mais diversas áreas do conhecimento, dentre elas, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação” (Moraes, 2021, p. 113).

O primeiro passo para dar o papel social à biblioteca e ao bibliotecário é transformar o pensamento tradicional de que a biblioteca é um espaço apenas de silêncio e estudo, fazer com que a sociedade veja o local como um ambiente de troca e aprendizagem coletiva é um ponto essencial, “a fim de substituir a ideia de que as bibliotecas são lugares monótonos, para a ideia de bibliotecas como lugares dinâmicos” (Moraes, 2021, p. 122).

A visão tradicional de bibliotecas precisa ser revisitada e transformada, o objetivo com isso é fazer com que a sociedade passe a ver o espaço como um ambiente dinâmico e de aprendizagem por meio de trocas entre pessoas, dessa forma o bibliotecário assume um novo papel, o de mediador, onde irá facilitar o acesso à informação e incentivar o diálogo, possibilitando a criação de oportunidades de desenvolvimento individual e coletivo. Dessa forma, o impacto da biblioteca se expande, tornando-se um agente fundamental na promoção da democratização da informação, e da cidadania.

Lima e Perrotti (2016) defendem que cabe aos atores sociais a decisão sobre criar vínculos com a própria cultura. Nesse processo o mediador vai criar as condições culturais e cognitivas necessárias para que os indivíduos desenvolvam conhecimentos, habilidades, e práticas culturais para que se apropriem e se tornem protagonista culturais, deixando de ser consumidores passivos para atuarem como agentes participativos, capazes de produzir e se afirmar na vida cultural.

Esse tipo de mediação pode ser vista como mediação pedagógica, onde “está vinculada à figura do formador, do educador, na medida em que a ação é a de planejar ou regular interações visando a aprendizagem do objeto cultural” (Lima; Perrotti, 2016, p. 168). Nesse contexto, o mediador cultural atua como um facilitador do acesso à cultura, promovendo reflexões que vão além da transmissão de informações, assim a mediação pedagógica expande o acesso aos bens culturais e também fortalece a participação, consolidando o papel do sujeito como coautores da cultura.

De acordo com Rasteli e Caldas (2017, p. 155), a mediação cultural pode ser compreendida como um processo que envolve tanto a produção simbólica quanto material, ocorrendo por meio da interação dinâmica entre sujeitos e objetos no contexto da construção do conhecimento. Nessa perspectiva, a biblioteca é vista como um dispositivo sociocultural, composta por diversos outros mecanismos geradores de significados, nos quais os processos de mediação carregam consigo sentidos profundos e transformadores.

Nesse sentido, a mediação cultural não se limita à transmissão de saberes, mas envolve a criação de espaços dialógicos onde os sujeitos interagem com os objetos culturais, atribuindo-lhes novos significados e ressignificando suas próprias experiências. A biblioteca, enquanto dispositivo sociocultural, assume um papel central, funcionando como um ambiente propício para a construção coletiva de conhecimento e para a democratização do acesso à cultura, dessa forma, a mediação cultural e pedagógica convergem para fortalecer a participação ativa dos indivíduos na produção e circulação de bens culturais, reafirmando a cultura como um campo dinâmico e colaborativo.

“A Biblioteconomia Social nasce aliada ao pensamento reflexivo e crítico, dentro e fora das bibliotecas, para que os(as) bibliotecários(as) percebam seu papel e responsabilidade social e atuem como protagonistas da modificação da sociedade” (Tanus; Silva, 2019, p. 24). A biblioteconomia deve estar firmada para além dos métodos e técnicas de organização, possibilitando que seus profissionais sejam em primeiro lugar mediadores e democratizadores da informação.

E esse caminhar envolve o acesso e a apropriação da informação, a construção de serviços e produtos direcionados às comunidades. Cada vez mais a formação de leitores, desenvolvimento de competências críticas, alfabetização informacional e digital perpassam as instituições sociais que são as bibliotecas, que não mais apáticas, esperando um usuário indefinido chegar com uma demanda. (Tanus, 2019, p. 25)

Ao invés de se limitarem a um papel passivo, esperando demandas pré-definidas, as bibliotecas devem se reestruturar para atender as necessidades da comunidade de forma proativa, buscando entender suas limitações e carências. Isso implica a criação de produtos e serviços relevantes e direcionados, contribuindo de maneira ativa para o desenvolvimento crítico, para a alfabetização informacional e digital.

Ao se envolver diretamente com a comunidade, as bibliotecas se tornam mais que um repositório de livros e assumem um papel essencial na promoção da inclusão social, equidade e no acesso ao conhecimento. Isso exige que os bibliotecários tenham uma abordagem ativa, mediando o processo de aprendizagem e facilitando o desenvolvimento de habilidades que são fundamentais no mundo digital e social, portanto, a transformação social das bibliotecas e dos seus serviços está diretamente ligada a sua capacidade de responder e se adaptar às demandas da comunidade a qual está inserida.

Tyler (1921 apud Moraes, 2021) afirma que as bibliotecas e os livros devem estar adaptadas às necessidades do período em que está inserida, a responsabilidade social da biblioteca é de adaptar livros e informações às necessidades democráticas. Dessa forma o papel social da biblioteca e do bibliotecário também é o de discussão e democratização dos livros e das informações, em outras palavras um mediador da informação.

“Esta concepção de mediação sugere que a formação do bibliotecário também deve ser voltada para a ação intervencionista, torná-lo sujeito dessa ação, se identificando com o resultado final que ajudou a construir junto ao usuário, ao promover o acesso à informação” (Alencar; Olinto, 2023, p. 7). O bibliotecário mediador que é ativo e aborda o usuário para dar suporte necessário, cumpre seu papel profissional e social, porém, a apropriação da

informação cabe apenas ao sujeito que a busca, ele deve demonstrar interesse e necessidade para que o bibliotecário possa agir.

Ao bibliotecário cabe a responsabilidade de atuar como um facilitador das atividades e expectativas da comunidade e dos usuários, analisando e reconhecendo suas necessidades, hábitos e potencialidades, com o intuito de garantir que os serviços que a biblioteca oferece supram as necessidades da forma mais eficaz possível. Rasteli e Caldas (2017) conferem a mediação cultural nas bibliotecas duas atribuições, um objetivo cultural e outro político, dessa forma incentivando a descoberta de conhecimentos e informações culturais e promovendo o debate democrático acerca da sua condição enquanto cidadão.

A responsabilidade social do bibliotecário está relacionada a como o profissional deve tratar a informação torná-la acessível, sempre tendo em vista a ética, a responsabilidade social e os deveres democráticos, utilizando das técnicas de tratamento da informação aprendidas na graduação, como a catalogação, classificação e indexação, fazendo com que a informação não esteja escondida nos centros e ambientes de informação, mas sempre estando em um contexto de fácil acesso.

Quando Moraes afirma que “os mediadores, ao mediar mensagens, informações, também se tornam construtores da realidade” (2018, p. 55), ela ressalta o aspecto profundo e transformador da mediação, mas também do papel do bibliotecário social. O papel dos bibliotecários, que tradicionalmente é visto como uma função técnica, de organizar e disseminar informação, se mostra mais poderoso em tempos de rupturas democráticas. Eles atuam como filtros ou amplificadores da informação, onde ao escolherem os livros, artigos, recursos informacionais para a necessidade do usuário, tornam-se influenciadores das percepções de realidade desses usuários.

O bibliotecário não apenas administra a informação, mas é um agente social, que quando presente e ativo nas bibliotecas, se torna uma influência para como as pessoas aprendem, consomem, discutem, e agem na sociedade. A mediação nunca é neutra, e o bibliotecário tem que ser consciente na construção de sua mediação, pois ele decide o que é relevante, as possibilidades de temas a serem discutidos, atuando na formação de agentes democráticos da comunidade a qual a unidade informacional está inserida.

“A mediação, além de intrínseca e essencial, é categoria produtora e não apenas viabilizadora de sentidos” (Perrotti; Pieruccini, 2014, p. 4), dessa forma, a mediação cultural não é um acessório ou um aspecto secundário nos processos culturais e de formação do indivíduo, é algo essencial para a interação entre sujeitos, signos e contextos, desempenhando um papel indispensável para que essa interação seja formada e compartilhada entre os

indivíduos. Essa visão mostra que a mediação, ou o mediador, tem mais do que uma função instrumental, é mais que um simples facilitador de acesso à informação.

Essa atividade tem um caráter ativo e criativo, a mediação não se limita apenas a conectar conteúdos, materiais informacionais ao sujeito, mas participa diretamente na construção e transformação dos significados do que está sendo trabalhado. Por exemplo, num contexto de biblioteca, o mediador apresenta as informações ao público, mas também tem a responsabilidade em como essa informação está organizada, dessa forma mudando a forma de apresentação e apropriação dos conhecimentos, gerando novas interpretações e camadas de sentidos.

Nesse sentido, segundo Perrotti e Pieruccini (2014), a mediação cultural não deve ser vista apenas como uma prática técnica ou especializada voltada para alcançar objetivos externos, ela é compreendida como um ato ético que transcende os interesses comuns. A mediação cultural não deve ser entendida como uma prática que tem como um fim apenas a transmissão de conhecimento ou facilitar o acesso a conteúdos, é apresentada como uma ação de afirmação ética, que busca ir além dos interesses imediatos, se conecta a uma dimensão que inclui a promoção de convivência, respeito às diferenças e comunhão para uma construção coletiva social e cultural.

Portanto, o papel de mediação cultural e pedagógica, é a ação e compromisso ético reconhecendo a importância da troca e da interação entre os sujeitos, promovendo uma difusão de conhecimentos, transformação das relações humanas e culturais, em direção a um caminho de integração dos agentes com a comunidade.

“As atividades de mediação do bibliotecário não são definidas pelo próprio profissional, mas sim, pela comunidade na qual ele está inserido profissionalmente e acrescentamos: desde que esses ideais de sociedade visem à democracia, à inclusão dos sujeitos na sociedade, ao diálogo” (Moraes, 2018, p. 61). Sua função passa a ser um reflexo das demandas coletivas e sociais das necessidades informacionais e culturais de onde ele está inserido. No entanto, essa atuação não é neutra, é pautada pelos valores do profissional e da comunidade, com o bibliotecário agindo de acordo com as necessidades desses a quem ele está servindo.

“Mediar é, nesse sentido, vincular ao mundo, é ação de construção de identidades culturais” (Perrotti; Pieruccini, 2014, p. 16). Mediar é criar vínculos entre os sujeitos, o mundo que os rodeia e a informação, permitindo a interação com os bens culturais de forma ativa e transformadora. Nesse processo, a mediação cultural desempenha um papel de

construção de identidades, por meio dela os indivíduos entram em contato com signos, valores e narrativas que compõem a sociedade em seu entorno e a cultura.

Ao fortalecer esse vínculo entre as pessoas, a mediação possibilita que elas compreendam melhor a posição que elas ocupam dentro de um contexto cultural e social. Por meio dessa conexão os indivíduos conseguem se reconhecer como parte de uma coletividade, ao mesmo tempo que desenvolvem uma percepção de sua individualidade e dialogam com os outros e com os elementos culturais que o cercam, possibilitando o fortalecimento das relações com a cultura, promovendo um senso de pertencimento e interação com o mundo.

Dessa forma, por mais que sirva a essa comunidade, a mediação da informação deve ser orientada por ideais que promovam a democracia, inclusão social e o diálogo. O bibliotecário tem o papel de garantir que a diversidade de vozes seja ouvida, promovendo o acesso igualitário à informação e combatendo a marginalização de grupos minoritários. Assim, a atuação vai além da técnica e assume um caráter político e social, comprometido com o fortalecimento das práticas democráticas e a inclusão de todos os indivíduos no debate e no exercício da cidadania.

“A biblioteconomia deve voltar-se ao comportamento e aos efeitos dos serviços sobre o indivíduo; categorias como conhecimento e aprendizagem são a tônica da biblioteconomia e não os elementos materiais como, por exemplo, livros e bibliotecas” (Tanus, 2019, p. 84). É preciso priorizar o impacto sobre o comportamento humano, a aprendizagem e a construção de conhecimento humano.

Dessa forma o usuário é o centro da atuação biblioteconômica, em que o objetivo se torna possibilitar a transformação da informação em conhecimento, promover o desenvolvimento social e coletivo. Assim, a biblioteconomia se aproxima de uma abordagem humanista, em que o serviço do bibliotecário é um meio de melhoria de qualidade de vida e capacitação, rompendo com a visão tradicional e destacando o papel social da área, comprometida com o desenvolvimento de competências informacionais que gerem impacto positivo na sociedade

A biblioteca além de ser repositório de livros e documentos, é um espaço fluido que deve promover a leitura e pesquisa, mas também a interação social, a troca de informações e o diálogo entre os seus frequentadores. “Para a biblioteca cumprir seu papel, ela deve se assumir como um ‘centro de informação’, um espaço para elaboração de um discurso próprio do sujeito, de pesquisas sem limites, de convivência e afeto, composta por diferentes formatos e suportes de informação” (Tanus, 2019, p. 85).

A biblioteca deve ser um local de construção, um espaço onde o usuário possa elaborar suas próprias ideias e desenvolver pensamento crítico, da mesma forma que, promove a convivência, fortalecendo seu papel como um espaço de inclusão, diversidade e aprendizado. Além disso, deve reforçar seu papel como um agente social, que apoia a construção de um ambiente democrático plural.

“As bibliotecas, desse modo, têm um papel fundamental no sentido de fornecer um suporte de ajuda e orientação para solucionar os desafios e necessidades da comunidade” (Lobo; Valls, 2022, p. 15), desta forma, o bibliotecário também se faz necessário no papel de mediador da informação para ser o guia para essa solução. Portanto, a biblioteconomia Social representa uma abordagem dinâmica e progressista, que reconhece o potencial das bibliotecas como agentes de mudança social e cultural, e também desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa, democrática e informada.

Em vista disso, a responsabilidade social do bibliotecário vai além dos processos técnicos, são ações definidas e realizadas pela unidade e pela comunidade que vão ser boas para a instituição e para a sociedade a qual está inserida, sempre atuando em conjunto e se fortalecendo como uma. Assim como mostra Tanus (2019) que o bibliotecário e a biblioteca não são alheios a onde estão inseridos, eles são responsáveis pelo desenvolvimento da sua comunidade.

O bibliotecário tem o papel social de mostrar como buscar e usar a informação, ensinar sobre as fontes de informação e como identificar se é ou não confiável, para que o usuário a cada passo da educação informacional vá se tornando mais independente, até o ponto que tenha liberdade para satisfazer suas necessidades informacionais sem ajuda de terceiros.

A democracia deve ser o ponto principal da unidade informacional e do bibliotecário, não apenas como um discurso presente no lema na formação do profissional, mas também como uma prática que deve ser colocada em ação diariamente. A biblioteca social deve ser um espaço de liberdade, de pluralismo, de encontros e debates, possibilitando o aprendizado, a construção de conhecimento, onde o cidadão terá a liberdade de se construir como tal, exercer e construir sua democracia em plenitude. Um dos caminhos de construção da democracia é por meio da mediação cultural que se instaura por meio do bibliotecário como mediador e por meio da mediação de leitura.

3 A LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Paulo Freire (1991) afirma que o ato da leitura está para além da simples decodificação das palavras escritas e da própria escrita, a leitura se expande para a inteligência que se tem do mundo. Ler é uma ação que não é intrínseco ao escrito, é uma forma de entender e perceber o mundo, a realidade que nos cerca e se apropriar dele para si. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1991, p. 11). A escrita é uma maneira de desenhar o mundo e a letra é a porta para ele, no sentido de que, podemos uni-las para que na leitura se tenha um mundo imensuravelmente multiplicável e diverso que se dará por meio da imaginação e representação.

Wolf (2019) diz que ler é algo que tem que ser aprendido, visto que a leitura não é algo natural para os seres humanos. A escrita, e consequentemente a leitura, são invenções não naturais e culturais, que precisam ser ensinadas e apreendidas, de modo que cada nova pessoa possa desenvolver essas capacidades. Esse aprendizado não é feito apenas de forma sistemática relativa a alfabetização nas escolas, a alfabetização começa no mundo particular do indivíduo, com os objetos, seres, ações que o cercam, aprendendo a decifrar a “palavramundo” (Freire, 1991), que é esse entendimento das coisas que constituem o mundo que cerca o sujeito.

Ler não é apenas uma habilidade técnica, mas “um valor que carrega um princípio de humanidade e que implica, mais que o simples hábito, uma atitude” (Britto, 2012, p. 29). A prática da leitura promove uma reflexão crítica e pertencimento ao mundo que o indivíduo está inserido, no entanto “o simples hábito de ler descomprometido, sem a reflexão aguda do sentido das coisas [...] se caracteriza como uma situação de alienação” (Britto, 2012, p. 30), visto que, a alienação seria um processo de automação da leitura, que tira o fator de autonomia crítica e capacidade transformadora do indivíduo através do texto.

Cândido (2012) afirma que a literatura é uma manifestação universal de todos os homens através do tempo, não existe povo e não há homem que consiga viver sem ela, e sem a possibilidade de entrar em contato com algum tipo de fabulação. Assim sendo, o ser humano necessita de sonhos e de um momento de encantamento através da fantasia ou ficção para se satisfazer e se constituir enquanto sujeito social, e a leitura é um modo de conectar-se com esse mundo de fantasia, ficção e imaginação.

“Este é propriamente o lugar indelével da literatura, o da narrativa que suscita a experiência irrepetível, mobilizadora de sua inteireza, nervos, sentimentos e razão, por conta de suas dobras, de sua própria convicção da impossibilidade de esgotar com o dito o não-dito”

(Yunes, 2012, p. 85). A literatura é capaz de transformar o indivíduo ampliando a compreensão do mundo e de si, através da narrativa é convidado a explorar os mistérios da existência, a experimentar novas emoções e a questionar as suas crenças e conceitos.

A literatura transporta para um lugar único onde a narrativa envolve o indivíduo de forma completa, mobilizando os sentidos e as capacidades cognitivas fazendo com que cada um tenha uma experiência particular através de sua própria experiência. Essas “dobras” das narrativas são camadas de significados que pouco a pouco se revelam ao leitor de forma implícita, desafiando-o a interpretar e explorar o texto a sua maneira.

Portanto, a leitura, é um ato dinâmico que é mais do que simples ato de ler, vai além do texto, se trata da interação do leitor, seu histórico social, sua bagagem cultural e intelectual em contato com o texto que está sendo lido. Como apresenta Iser (1996) os textos só adquirem sentido após serem lidos, portanto, a leitura é um ato de comunicação, pois há uma troca de experiências entre o leitor, o autor e o texto. A profundidade e complexidade de símbolos e signos de um texto extrapolam a sua construção, diz respeito ao conhecimento adquirido através dele.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (Candido, 2008, p. 14)

A compreensão plena de uma obra literária acontece quando o texto e o contexto são integrados em uma interpretação que considera esses dois elementos como complementares. O contexto social não age como uma causa direta ou um significado fixo, mas como um componente ativo que se internaliza na estrutura da obra, influenciando sua forma e conteúdo, dessa forma, a obra não é um reflexo passivo da sociedade, mas uma construção que dialoga com seu tempo, espaço, da mesma maneira que com o tempo e espaço do leitor.

A interação entre o texto literário e o contexto emocional do leitor é fundamental para o processo biblioterapêutico, que será explorado mais à frente. A obra, portanto, não é apenas um objeto estático, é um agente de transformação, um meio dinâmico que possibilita reflexão, autoconhecimento e transformação, tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Essa visão

integrada reforça como a literatura tem poder como uma ferramenta de intervenção e emancipação.

O agente transformador, que são os materiais trabalhados na mediação, precisa que o agente de transformação, o leitor, esteja aberto e apto para as mudanças, pois por mais que o texto se proponha fazer uma mudança no leitor, isto acontecerá quando ele assim o fizer, indo contra os preconceitos e crenças que já estão com ele durante toda a vida. “Se a perspectiva prévia permite que o leitor perceba, no ato da leitura, as insuficiências, isso o leva cada vez mais voltar aquilo em que ele confiava, até que, por fim, consegue ver os seus próprios preconceitos” (Iser, 1996, v. 1, p. 31).

O processo de leitura é uma interação dinâmica entre texto e leitor, quando os signos linguísticos e suas estruturas, ganham uma finalidade por estimular atos nos momentos em que o texto está indo de encontro com a consciência do leitor. A leitura não é um ato passivo, é uma atividade interativa e criativa, onde o leitor e o texto colaboram para produzir significado. “É que a leitura só se torna prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer as nossas capacidades” (Iser, 1996, v. 2, p. 10)

“Leitor e autor estão, no momento da leitura, estabelecendo um diálogo que pode ter vários efeitos no leitor. [...] Em consequência disto, surge a possibilidade de inúmeras leituras e a composição de uma variedade de significados” (Conde, 2015 p. 106). A compreensão do texto é fruto de um diálogo interno, onde leitor e autor constroem significados de maneira colaborativa e dinâmica, esse processo de interpretação é individual, e a interação entre leitor e autor, é um ato que desenvolve o pensamento crítico, o letramento e o prazer pela leitura.

Porém, o discurso do prazer pela leitura deve ser cauteloso, pois, segundo Britto e Barzotto (1998), pode levar a crer que a maioria dos livros e práticas de leituras são desprazerosas, por ser obrigatória ou por não ter emoção nos textos. Tentar ligar o simples prazer de ler para que as pessoas leiam é uma forma rasa de tentar promover a leitura, pois existem outros fatores que produzem satisfação ao ler.

O prazer que está presente na leitura vem do engajamento e da criatividade do leitor com o texto, isso ocorre quando o leitor recebe as informações e as transforma, interpreta e reorganiza de acordo com suas próprias experiências. Nesse processo, o texto oferece um campo fértil para que o leitor cultive suas habilidades interpretativas e reflexivas, que transforma a leitura em uma atividade enriquecedora e prazerosa. “Ler tem a ver com a liberdade de ir e vir, com a possibilidade de entrar à vontade em um outro mundo e dele sair” (Petit, 2009, p. 38).

Cândido (2008) argumenta que a literatura é um fenômeno dinâmico que só atinge seu potencial máximo quando está em um contexto de interação social, não podendo ser compreendidas de forma isolada. As obras são criadas para serem incorporadas à experiência coletiva e comunitária e influenciar a visão de mundo e da sociedade, quando retirada desse contexto, ela perde parte de sua força, pois a literatura são “palavras atuantes” que são incorporadas à experiência coletiva e influenciam a visão do mundo e da sociedade. Isso significa que a interpretação não envolve apenas o texto em si, mas também a pessoa que a lê e o momento da vida em que ela acontece.

A diversas interpretações de um texto, pode levar a crer que toda leitura é diferente e que nunca existirá uma única interpretação, dessa forma, pode gerar um relativismo em que qualquer interpretação é correta. Essa possibilidade de interpretações e “o sentido do texto é construído pelo leitor, em função de suas experiências individuais e de seus sistemas próprios de referência” (Britto; Barzotto, 1998, p. 1). A autonomia do leitor está fundamentada na realidade do indivíduo, a construção das interpretações não ocorre do nada, mas são influenciadas por fatores históricos, culturais e sociais.

O sentido do texto não é totalmente subjetivo, é moldado pela interação entre as intenções do autor, a estrutura dos textos e o contexto em que o leitor está inserido. “Se é fato que o leitor, enquanto ser histórico, constrói os sentidos que lê, é fato também que sua leitura estará sempre constrangida pelas condições — também históricas — em que se dá, das quais uma delas é o texto” (Britto; Barzotto, 1998, p. 1).

O diálogo entre leitor e autor, permite que o primeiro atribua significados únicos ao texto, influenciados pela sua vivência, conhecimentos prévios e contexto social. Dessa forma, o sentido de uma obra literária não está fixada apenas no texto ou na intenção do autor, mas emerge da interação entre os agentes. Esse processo abre espaço para múltiplas interpretações e para uma riqueza de significados que variam de um leitor para outro, destacando a complexidade do ato de ler.

Além disso, essa interação ativa promove o surgimento de novos significados que não estão completamente determinados pelo autor, mas são construídos no encontro entre a intenção do texto e a resposta do leitor. Esse movimento é o que define o caráter criativo, que vai além de simplesmente decodificar o que escrito, fazendo com que o leitor lide com as ambiguidades, lacunas e possibilidades do texto, e os transformem em experiências e processos de autoconhecimento e descoberta, no qual o ato de ler se mostra como uma forma de interpretar o mundo e a si.

“A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (Candido, 2008, p. 84). Durante a leitura, autores, obras e leitores interagem de maneira dinâmica e contínua, ganhando vida e sentido à medida que são lidas, interpretadas e resignificadas. A obra não é um produto fixo, mas sim um objeto em constante transformação, que assume diferentes sentidos conforme o leitor a recebe, onde por sua vez, não é um receptor passivo, mas um agente que decifra, aceita ou molda a obra contribuindo para a construção de seus significados.

Essa afirmação ressalta que a literatura é uma realidade que está em constante atuação durante o tempo, sendo continuamente reinterpretada em diferentes contextos históricos e culturais. Para a forma de leitores, essa perspectiva é fundamental, pois valoriza a leitura como um processo ativo e criativo no qual o diálogo entre texto, autor e leitor enriquece a experiência literária, e ao explorar a diversidade de interpretações e a importância do contexto, os sujeitos são incentivados a engajar-se criticamente com as obras, ampliando sua compreensão e conexão com a literatura.

“O texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida” (Iser, 1996, v. 1, p. 11). A representação da realidade no texto, por mais que seja uma documentação, sofre alterações que acontecem por conta do ponto de vista do autor, “mesmo quando um texto literário não faz senão copiar o mundo presente, sua repetição no texto já o altera, pois repetir a realidade a partir de um ponto de vista já é excedê-la” (Iser, 1996, v. 1, p. 11), da mesma forma, quando esse texto for lido sofrerá alterações vinda do background do leitor e sua capacidade cognitiva. Esse background é trabalhado por Wolf (2019) como circuito de leitura, assim como ela também explora o conceito de capacidade cognitiva.

Wolf (2019) trabalha com conceitos de neurociência para desenvolver as teorias e possibilidades de melhorias da leitura e do cérebro do leitor. Um desses conceitos é o de neuroplasticidade, “a plasticidade do cérebro nos permite formar não só circuitos cada vez mais sofisticados e expandidos, mas também circuitos cada vez menos sofisticados, dependendo dos fatores ambientais” (Wolf, 2019, p. 29). Dessa forma, podemos evoluir ou retroceder em nossas habilidades, dependendo da forma com que estimulamos ou não nossas capacidades cognitivas.

O circuito de leitura que Wolf (2019) trabalha é dividido em alguns processos, que por sua vez são subdivididos em outros processos. Processos evocativos: imagens, empatia, o conhecimento de fundo; os processos analíticos: analogia e inferência, análise crítica;

processo gerativo: insight. Esses processos descritos, na visão da escritora, não aparecem no cérebro numa sequência ou configuração específica, dependendo do tipo de leitura, esses processos variados se ativam de forma dinâmica no circuito cerebral da leitura, passando de um para o outro.

A leitura não é algo linear que ativa áreas do cérebro e da memória de maneira sistemática, automatizada, seguindo um fluxo sempre constante e passando pelos mesmos locais. O processo de leitura é inconstante a cada segundo e a cada momento de leitura, portanto, um texto que atinge o leitor de determinada forma numa primeira leitura não vai impactar da mesma forma numa segunda passagem.

Por impossibilidade de trabalhar todos os processos, o que será interessante para o que está sendo discutido no trabalho serão os processos evocativos: imagens; empatia; e conhecimento de fundo. O processo evocativo começa com a imagem, a forma com que pensamos e temos que pensar o texto em relação ao que pode ser sentido através dele. Esse processo evocativo da leitura se dá na “nossa capacidade de formar imagens quando lemos” (Wolf, 2019, p. 55).

Essa formação de imagens é a capacidade que temos de criar as imagens baseadas no que o autor nos propõe, ou atravessar a intenção do autor e criar algo individual, também pode ser relacionado com quando imaginamos a voz do narrador e personagens, enriquecendo o mundo ficcional ou não do livro, expandindo as possibilidades e hipóteses do leitor. “Você e o autor constroem imagens a partir de um conjunto de detalhes sensoriais cuidadosamente escolhidos, transmitidos apenas por palavras” (Wolf, 2019, p. 55).

A construção das imagens é um processo de leitura profunda, visto que com poucas informações dadas, o leitor pode evocar na memória um conjunto de emoções e sensações. Esse processo não é algo inerente ao texto e sim ao receptor, que por meio da mensagem consegue entrar nas variadas camadas de possibilidades de interpretações que pode haver no texto, entender os pensamentos e sentimentos seus e dos outros. Dessa forma podemos adentrar em outro processo a empatia.

A empatia, de forma resumida, é ligada ao próprio conceito da palavra, é a capacidade de de nos relacionarmos com o outro na situação em que ele se encontra nos mantendo em nosso mundo, e no caso da leitura, transportar-se através da imaginação para adentrar nos sentimentos de um outro fictício, e retornar a si com uma experiência que possibilita mudar a si. “O ato de assumir a perspectiva e os sentimentos de outros é uma das contribuições mais profundas e insuficientemente anunciadas dos processos de leitura profunda” (Wolf, 2019, p. 57).

“Pela descoberta da leitura, o leitor alcança fruir através de muitos suportes e formas o que é irrecorrível na condição humana: o desejo de encontrar-se a si mesmo, no encontro com o outro” (Yunes, 2012, p. 88). A leitura, nesse sentido, se configura como um espaço de autoconhecimento, em que ao se conectar com as emoções e perspectivas dos personagens, o leitor amplia a sua compreensão do outro e também aprofunda sua relação consigo, fazendo com que esse processo seja jornada interior fundamental para o desenvolvimento pessoal e desempenham um papel importante na construção e reconstrução de si.

Dependendo da forma que for proposta a mediação, a leitura pode ser coletiva, porém o ato propriamente dito é um exercício inerentemente individual e coletivo, que permite conhecer e entrar em contato com outras pessoas (personagens), compreender, sentir suas dores, pesares e mudar o pensamento individual em relação ao que e a quem é esse outro. “[...] O ato de ler é um lugar em que os seres humanos são libertos de si mesmos para se transportarem a outros, e, assim, aprender o que significa ser outra pessoa com aspirações, dúvidas e emoções que nunca teriam conhecido de outro modo” (Wolf, 2019, p. 58).

A solidão do ato da leitura passa a ter o acompanhamento, lemos, conhecemos outros personagens, histórias, assim sabemos que não se está só com os problemas individuais. Wolf (2019) indica o quão importante que o sentimento e o pensamento estejam conectados aos circuitos de leitura, pois a qualidade desses está diretamente ligada ao conhecimento de fundo que cada processo ativa.

O conhecimento de fundo, segundo Wolf (2019) é o acúmulo dos materiais lidos quando em contato com o acervo de conhecimento pessoais, onde esse acervo, é a base da capacidade de compreender e antecipar tudo aquilo que está sendo lido. O acervo falado não diz respeito apenas aos fatos e experiências vivenciadas na vida, mas ao arcabouço teórico, as referências acumuladas através de livros, filmes e músicas, acumulando conhecimento que vão complementar os novos materiais consumidos.

O conteúdo, e como estamos consumindo este por meio da leitura, é importante para a formação de conhecimento de fundo, essa formação se dará através da leitura profunda, sem que dependa de artifícios externos de conhecimentos que só reforça o próprio ponto de vista. Wolf (2019) afirma que a relação entre o que lemos e o que sabemos pode ser alterada por uma confiança prematura e excessiva em relação ao conhecimento externo e por isso é necessário usar da própria base de conhecimentos para colher informações novas e interpretá-las com pensamento crítico.

As possibilidades de interpretação e de entender completamente o que o autor quer com o que foi escrito se torna possível quanto mais se expande o conhecimento de fundo, o

acervo acumulado e recuperado na hora da leitura, transforma e possibilita a absorção das ideias apresentadas no texto. Portanto, o conhecimento de fundo se expande à medida que se consome informação, ao mesmo tempo em que também é expandido as capacidades cognitivas e o repertório informacional.

“Sem conhecimento de fundo suficiente os demais processos da leitura profunda serão acionados menos frequentemente, levando as pessoas a nunca ultrapassar os limites do que já sabem” (Wolf, 2019, p. 70). A construção do conhecimento de fundo dará possibilidades de análise de informações falsas ou verdadeiras, preparo para recepção de novos conhecimentos, produção de novos pensamentos e ideias, possibilitando a transformação pessoal, e melhorando como o sujeito processa os próprios dilemas e problemas, tendo um meio para atravessá-los de forma segura.

Esses processos evocativos e suas subdivisões, torna possível entender uma parcela de como a leitura funciona no cérebro humano, e como ocorre o aprofundamento dentro da leitura. Na formação de imagem o sujeito explora as perspectivas que podem haver no texto e em seus personagens, quando em contato com os dilemas e sentimentos desses personagens, a empatia torna-se necessária, para entender, se colocar no outro e poder trazer para si aprendizados que vão poder ser o ponto de partida para resolução dos problemas individuais, e ao mesmo tempo, aprofundando-se no texto e em si, produzindo conhecimento de fundo, que vai ser utilizado em leituras futuras.

O leitor constrói a sua realidade e por consequência o próprio texto quando lido por meio do seu ponto de vista. Iser (1996) afirma que os textos têm vazios que só serão preenchidos conforme forem completados pelo leitor através do ato de ler, e que é na leitura onde acontece uma elaboração do texto, que vai se realizar através do uso das faculdades humanas. O texto só terá o vazio preenchido quando o leitor conferir sentidos ao que foi lido, e o entendimento e absorção não se dá apenas pelo o texto em si, mas pela capacidade de assimilação do indivíduo no ato da leitura, tanto do texto ficcional, quanto do texto literário.

“Os lugares vazios liberam no leitor uma crescente produtividade; [...] Assim, surge com cada relação produzida um contexto de várias possibilidades, pois quando um significado é descoberto, nele ressoam outros significados por ele estimulados” (Iser, 1996, v. 2, p. 167). A cada interpretação e nova conexão abre uma possibilidade de uma experiência mais complexa e rica, dessa forma, é notável que a interação do leitor com o texto é dinâmico e expansivo, onde preencher esses vazios geram novos contextos e significados que vão além do explícito.

Os conceitos de background e capacidade cognitiva de Wolf (2019) complementam essa ideia. O background é o conhecimento prévio que cada leitor traz consigo que vai moldar a sua interpretação, é essencial para uma leitura mais completa, pois facilita a conexão entre as novas informações e as experiências anteriores do indivíduo. Quando o leitor adentra a leitura profunda esse conhecimento prévio é constantemente utilizado possibilitando a formação de um entendimento mais robusto e crítico.

Já a capacidade cognitiva, segundo Wolf (2019), é a aptidão de processar informações complexas. Essa capacidade fará com que o leitor adentre ou não nos significados mais profundos do texto, está atrelada a capacidade de fazer uma leitura profunda, que é onde exige mais foco e reflexão, e é essencial para que o leitor faça as conexões entre os lugares vazios.

“O texto ficcional não apresenta uma situação definida; no máximo, ele ‘fala’ para situações vazias e, em um sentido estrito, o leitor se encontra na leitura em uma situação que lhe é estranha, pois a familiaridade parece estar suspensa” (Iser, 1996, v. 1, p. 123). Esse vazio produzido pelo texto é fundamental, pois abre espaço para uma interação significativa entre o texto e o leitor. Essa lacuna permite que o leitor projete suas próprias experiências, pensamentos e emoções no texto, criando uma ponte de comunicação única e pessoal, onde esse encontro possibilita uma troca de informações e aprendizados, que varia de acordo com as vivências e o contexto individual de cada leitor ao se envolver com a obra, assim, o texto se adapta e se molda a cada interpretação, tornando-se um veículo de crescimento pessoal e intelectual.

Esse encontro, retorno, não é apenas um processo passivo, mas uma interação dinâmica e contínua. À medida que a leitura avança, o leitor constantemente insere seu próprio mundo, suas memórias, expectativas e conhecimento de mundo no universo do texto literário ficcional, esse processo permite que o texto ressoe de maneiras diferentes para cada leitor, tornando a leitura uma experiência pessoal e única. O feedback que ocorre durante a leitura faz com que o leitor não apenas receba informações, mas ativamente construa significado, transformando a narrativa em algo vivo e interativo, “a relação entre texto e leitor se estabiliza através do feedback constante no processo da leitura pelo qual se ajustam as imprevisibilidades do texto” (Iser, 1996, v. 1, p. 125).

Em vez de ser o polo oposto à realidade, a ficção nos comunica algo sobre ela, [...] como estrutura comunicativa, a ficção conecta à realidade um sujeito que, por meio da ficção, se relaciona a uma realidade. [...] Se a ficção não é realidade não é porque careça de atributos reais, mas sim porque é capaz de organizar a realidade de tal modo que esta se torna comunicável. [...] Já não se trata mais de evidenciar o que ela significa, mas sim os seus

efeitos. Só assim teremos um acesso à sua função, que se cumpre na mediação entre sujeito e realidade. (Iser, 1996, v.1, p. 102.)

Essa função se manifesta na relação entre texto e realidade, bem como entre texto e leitor, ocorrendo por meio da conexão entre sujeito e realidade em uma dimensão pragmática e dialógica com o texto. A dimensão pragmática se dá através da relação entre os signos do texto e o interpretante, onde o leitor atribui significado aos signos e constrói sentido a partir dessa interação. Já a dimensão dialógica ocorre na interação contínua entre o texto e o leitor, em que o leitor não apenas interpreta, mas também responde ao texto, criando um diálogo interno que enriquece sua compreensão da realidade apresentada pela ficção.

“O sentido pragmático põe o leitor em uma determinada postura de reação quanto à ‘realidade’ suposta pelo texto, a fim de abrir tal realidade para a experiência” (Iser, 1996, v. 1, p. 157). O leitor vai analisar as experiências de leitura em seus hábitos e interpretar a mensagem presente de acordo com as referências de seu repertório pessoal, essa interação abre caminho para que o leitor aplique essas realidades ficcionais à sua própria experiência, o que torna a leitura uma prática de envolvimento ativo, ao invés de uma simples recepção passiva. O sentido pragmático, assim, faz com que o leitor participe ativamente, reagindo e atribuindo significado ao que é apresentado no texto.

Ao realizar o conteúdo do texto com seu repertório pessoal, o leitor interpreta e analisa as mensagens conforme suas referências culturais, sociais e emocionais, a leitura portanto envolve um diálogo entre o texto e a experiência do leitor. Esse processo não só molda o entendimento da obra, mas também transforma a percepção do leitor sobre o mundo ao seu redor, criando uma experiência de leitura que é, ao mesmo tempo, reflexiva e transformadora.

A leitura de textos ficcionais possibilita uma ação, que é apresentada por Iser (1996) como “atos da fala”, permitindo ao indivíduo compreender tanto o que está presente no texto quanto o que este está tentando comunicar. Portanto, a linguagem não se resume apenas à transmissão da informação, mas sim toda comunicação linguística que envolvem emissão de símbolos, palavras e frases, logo esses atos de fala são necessários para a interação comunicativa, permitindo o texto alcançar dimensões além do escrito, conectando o leitor a realidades mais amplas e complexas. “O ato da fala, apresenta uma base heurística para o fato de que as frases escritas de textos ficcionais, ao serem anunciadas, sempre ultrapassem o texto impresso para relacionar o receptor com realidades extratextuais” (Iser, 1996, vol: 1, p. 105).

Iser (1996) ainda discorre que esse contato entre o texto e o leitor só terá êxito na recepção e compreensão da mensagem, se houver o feedback. Esse feedback, que é a construção de sentido do livro juntamente com o arcabouço pessoal do leitor, faz com que a

compreensão do texto seja adequada, garantindo que a mensagem do autor está sendo passada e transformada em quem a está recebendo, é nesse momento que o leitor vai se estabelecer no texto.

A linguagem presente nos textos não se limita apenas à transmissão de informações, abrange a comunicação linguística, ela cria uma ponte entre o texto e a realidade, fazendo com que o leitor interaja com o conteúdo de maneira ativa e reflexiva, explorando as diversas camadas de significado que vão além do conteúdo informativo, ou de entretenimento. Dessa forma, a linguagem na ficção, não apenas informa e entretém, também transforma, expandindo as capacidades de compreensão do leitor e sua percepção de mundo, mas depende da liberdade que ele tem de pôr seu arcabouço pessoal em contato e em modificação a partir das referências do texto.

Quando o leitor se põe numa posição participativa em relação ao texto, passa a enxergar aspectos do livro e de seu cotidiano que antes passavam despercebidos, quando imerso no texto revela novas perspectivas que antes não eram exploradas. De outra maneira, ele também pode assumir uma atitude mais observadora, onde fará com que também comece a compreender elementos que antes não eram claros ou significativos. Essa dualidade de participações no texto, ampliam a percepção e entendimento da leitura e do mundo, dessa forma, ocorrem “duas consequências: 1. O texto ficcional permite a seus leitores que transcendam a sua posição no mundo. 2. O texto ficcional não é nenhum reflexo de uma realidade dada, mas sim seu complemento em um sentido específico” (Iser, 1996, v. 1, p. 146).

Por mais que exista uma construção subjetiva, individual, entre o texto e o leitor, a obra tem uma mensagem inerente, “a obra não oferece uma mensagem dela separável, o sentido não é redutível a um significado referencial e o significado não se deixa reduzir a uma coisa” (Iser, 1996, v. 1, p. 29). A profundidade e a complexidade de símbolos e signos de um texto vão além da simplicidade de sua construção, diz respeito ao conhecimento e aprendizado adquirido através dele.

“Como caso do uso do símbolo, o conceito possibilita o conhecimento pela tradução do dado naquilo que não é dado. [...] Ao contrário, é sempre preciso captar um traço do não-dado no dado para que este – qualquer que seja o ponto de vista – possa ser apreendido” (Iser, 1996, v. 1, p. 119). A interpretação e assimilação das idéias presentes no texto, assim como as que vão além dele, dependem da capacidade do sujeito de interpretar esses símbolos, às vezes de forma subjetiva. Essa interpretação subjetiva, permite que o leitor entenda o texto e se conecte com as camadas mais profundas dele, tornando o ato da leitura uma atividade

criativa, ativa e pessoal, em que o leitor vai construir o sentido a partir de sua própria perspectiva e seu contexto social.

“Se portanto os símbolos, como possibilidade da ‘visão’, são independentes do visível, também em princípio será possível produzir representação por meio das organizações dos símbolos, que provocam a presença do não-dado, ou seja, do ausente” (Iser, 1996, vol: 1, p. 119), dessa forma, podemos observar que a comunicação ocorre não apenas no que está explicitamente dito no texto, mas também através da ausência, do vazio, do silêncio. A poética da mensagem expressa pelo não dito e pela não comunicação.

Nesse contexto, os símbolos não são apenas representações do mundo real, são ferramentas para comunicar ideias, valores e crenças de forma indireta, capturando significados que muitas vezes não são expressos de maneira direta. Eles criam um espaço interpretativo onde o leitor é convidado a preencher os vazios e a construir sentido a partir da sua própria experiência de vida e compreensão do mundo.

Segundo Iser (1996), os lugares vazios no texto regulam a forma como o leitor constrói suas representações, além disso, o autor apresenta outro ponto de convergência entre o texto e o leitor que são as negações. Esses lugares vazios e negações são mecanismos que fazem o processo de comunicação, onde vai fazer com que o leitor preencha esses espaços deixados entre as diferentes perspectivas do texto.

O conceito de lugares vazios é importante na interação entre leitor e narrativa, sendo espaços onde vão ocorrer as participações ativas de construção das conexões entre as perspectivas do texto que não estão explicitamente estabelecidas. Nesse processo, o leitor coordena e organiza os diversos pontos de vista, tornando-se parte do processo de realização do texto, essa atividade por mais que seja ativa e também criativa, é guiada pelas condições estabelecidas pelo próprio texto, que delimita as possibilidades de interpretação.

Além desses lugares vazios, existem os lugares de negação, que são os lugares onde vão existir resistências e dificuldades ao longo da leitura, estimulando o leitor a refletir e analisar as colocações do texto. Esses dois conceitos são necessários para controlar e direcionar a atividade de interpretação, fazendo com que o leitor esteja sempre envolvido com a narrativa, por isso, ao participar desses processos, o leitor integra as perspectivas, reorganizando e reinterpretando de acordo com as percepções e experiências, dentro dos limites estabelecidos pelo texto.

“Para se ler, não se necessita tão somente de decodificar signos, mas de utilizar todos os sentidos, ou seja, toda a capacidade de interpretação e compreensão” (Dumont, 2002, p. 3). O leitor é afetado pelo livro transformando os signos e símbolos em significados, ocupando o

vazio dos textos com sua bagagem, experiências e lembranças, criando uma realidade atrelada ao livro, que transforma o ato de ler em terapia.

De acordo com Iser (1996) o sentido se torna significativo ao ser apreendido por uma linguagem referencial, enquanto a imagem concretiza uma representação que não está previamente manifestada no texto, nesse contexto, o sentido é o objeto que o sujeito busca definir, superando a subjetividade, e a imagem estimula um sentido não formulado no texto e resulta da interação entre os signos da obra e a apreensão do leitor, transformando o sentido em uma experiência vivida, não apenas explicada. Portanto, o sentido deixa de ser algo do autor e do texto e passa a ser do leitor a partir de suas vivências passadas e a relação com o texto, pois é na leitura que os textos se transformam e se tornam o que são enquanto instrumento, “é só na leitura que a obra enquanto processo adquire caráter próprio, [...] a obra é o ser constituído do texto na consciência do leitor” (Iser, 1996, v. 1, p. 51).

“O papel do leitor resulta da interação de perspectivas e se desenvolve na atividade orientada da leitura, desse modo, a ficção do leitor no texto não pode apresentar mais do que um aspecto do papel do leitor” (Iser, 1996, v. 1, p. 72). Assim, podemos entender que um leitor completo seria aquele capaz de interiorizar os códigos presentes no texto, absorvendo os efeitos que esse processo tem no aumento de sua capacidade informacional, isso por sua vez, amplia a capacidade do sujeito de entender o contexto em que está inserido e de perceber como o texto afeta sua compreensão desse contexto.

Tem mais no texto do que o olho encontra. “Cada palavra pode evocar uma história inteira de miríades de conexões, associações e memórias guardadas por muito tempo” (Wolf, 2019, p. 44). O encontro do texto e da palavra com o leitor vai recuperar na memória momentos que se assemelham com o que está sendo vivido através do livro, a absorção desse encontro entre ficção e sua própria vida aproxima o indivíduo do personagem permitindo, que eles se identifiquem e que as decisões tomadas pelo personagem possam ser espelho ou inspiração para uma decisão na vida do leitor, promovendo uma melhora. “Ao ler uma única palavra, você ativa milhares e milhares de forças-tarefas neuronais, todas aquelas com que você já se deparou e muito mais” (Wolf, 2019, p. 45).

4 A BIBLIOTERAPIA COMO AÇÃO DE MEDIAÇÃO DE LEITURA

Petit (2009) explica as definições de biblioterapia como uso de materiais de leitura selecionados como um complemento terapêutico a tratamentos médicos ou psiquiátricos, no entanto, em alguns contextos, o conceito pode ser ampliado para abranger um conjunto de mediações culturais, que incluem não apenas a leitura, mas também discussões em grupo. Essas práticas podem ocorrer em ambientes que vão além do hospitalar, alcançando espaços comunitários e educacionais.

Em situações de crises no mundo ou no indivíduo, a literatura surge como um refúgio e um ponto de apoio, "em tais contextos crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida, em suma" (Petit, 2009, p. 10). Esse processo não é apenas funcional, mas também simbólico, a literatura cria um local em que os indivíduos podem processar suas experiências, explorar emoções e reimaginar sua relação com o mundo.

Em complemento, Shrodes (1960) define a biblioterapia como a prescrição de materiais de leitura que auxiliam a desenvolver maturidade e nutram e mantêm a saúde mental. O objetivo da biblioterapia é possibilitar a cura e o processo de prevenção através da leitura, "parte-se do pressuposto que toda experiência poética é catártica e que a liberação de emoção produz uma reação de alívio da tensão e purifica a psique, com valor terapêutico (Caldin, 2001, p. 32). Essa definição de biblioterapia engloba a literatura no geral, romances, poesias, livros e artigos científicos, mas não põe no mesmo grupo jornais, mídias sociais e blogs.

O diálogo biblioterapêutico não é o simples diálogo, mesmo bem-sucedido, em que cada um fala e escuta em atitude de respeito mútuo. A particularidade do diálogo biblioterapêutico é a presença, entre os parceiros do diálogo, de um texto, de um livro, de um objeto de arte, de um objeto simplesmente, a ser comentado e interpretado. De fato, em todo diálogo há um referencial comum sobre o qual 'se fala' (Ouaknin, 1996, p. 152)

Portanto, se fazer presente na leitura e no diálogo com o texto é o que caracteriza a biblioterapia, estar presente diz respeito a ter contato ativo com o objeto da mediação, sendo ele um catalisador do processo biblioterapêutico onde as trocas tem o intuito de serem profundas e criativas. No diálogo, o foco é no impacto que o objeto tem na construção de significados e interpretações, assim sendo o livro, o texto, é o instrumento que enriquece e direciona o processo de auto descoberta e transformação pessoal.

É necessário ter uma atenção durante a seleção dos livros, para que atenda às necessidades de cada leitor paciente, e o livro cumpra a função terapêutica, focado especialmente para o indivíduo com quem está trabalhando, construindo dessa forma um atendimento pessoal mais intimista e assertivo. Todavia, a aplicação da biblioterapia em grupo também é possível, sendo realizada através de sessões de coletivas ou rodas de leituras em grupo, onde todos leem o mesmo livro e compartilham suas experiências e aprendizados retirados do livro combinadas com a vivência de cada.

“Ler permite iniciar uma atividade de narração e que se estabeleçam vínculos entre os fragmentos de uma história, entre os que participam de um grupo e, às vezes, entre universos culturais” (Petit, 2009, p. 14). A leitura permite a criação de uma narrativa pessoal e única, na qual o indivíduo pode organizar fragmentos de sua experiência e integrá-los de forma significativa, porém para além do caráter individual, existe um potencial para conectar indivíduos e culturas, criando pontes entre experiências pessoais e coletivas, permitindo uma compreensão mútua e também o questionamento e a expansão de perspectivas individuais.

Ceccantini (2016) na pesquisa Retratos da leitura no Brasil de 2016, afirma que a leitura de por um jovem exige uma socialização e revela-se frequentemente uma necessidade de não ler apenas para si mesmo, mas com outros, buscando compartilhar a leitura, buscando identificações e socializando o prazer encontrado nos livros. Dessa forma, nas trocas de experiências entre os leitores existe um aprendizado, pois é o contato do leitor com o livro e leitor com leitor, construindo uma rede de aquisição de vivências que vem através do contato com o outro.

“A diferença entre uma biblioterapia e uma psicoterapia é que o encontro não se dá entre um paciente e um terapeuta, mas entre dois simples leitores, onde cada um desempenha para o outro o papel de terapeuta” (Ouaknin, 1996, p. 158). A biblioterapia não é uma terapia, é uma ferramenta para tal, a troca de interpretações, de significações que funcionam juntas, é mais importante no diálogo biblioterapêutico do que a pertinência ou a exatidão das interpretações que circulam.

O processo de compartilhar diferentes significações permite que o diálogo se torne um espaço de criação coletiva, onde as interpretações de cada um dos participantes se complementam e se expandem mutuamente, onde o diálogo biblioterapêutico busca valorizar o processo de troca como uma maneira de crescimento pessoal e coletivo, em que as múltiplas vozes contribuem para uma interpretação mais rica e profunda

“Se a biblioterapia é, de algum modo, uma ‘cura pelo livro’, ela também é, e de modo eminente, uma ‘cura pelo nome’; terapia graças ao nome e terapia do nome” (Ouaknin, 1996,

p. 72). O nome, é mais que uma designação, atua como mediador entre o indivíduo e o mundo em que ele está presente, permite um movimento para além da identidade atual, dessa forma o nome é o ponto de partida para transformação pessoal, como uma definição do que se é, facilitando a superação das limitações do eu. Uma jornada em que o sujeito da chegada, vai ser completamente diferente do sujeito da partida.

“Ter um nome é ir ‘além’ de si, inscrever-se em um movimento de transcendência, de superação de si, de projeto. Nesse sentido, ter um nome é literalmente ‘existir’ no sentido etimológico de ‘manter-se fora’, de todo conteúdo que possamos dar” (Ouaknin, 1996, p. 73). O nome carrega a ideia de projeto em construção constante e contínuo, de crescimento e renovação, é dinâmico, permitindo que o indivíduo vá além de sua identidade do agora, e explore novas possibilidades de existir. Ter um nome é se reinventar por meio dele, é levar-se a si, é estar comprometido com um processo de cura e crescimento.

Shrodes (1949 apud Caldin, 2001) discorre sobre a utilidade da literatura imaginativa, pois ajuda o indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos como conflitos com outros. No entanto, esse tipo de leitura deve ser acompanhado de um pensamento reflexivo que seja caminho para a ação, para que os livros do gênero de ficção e fantasia não acabem servindo apenas como uma leitura para a fuga da realidade, criação de uma falsa imagem ou de uma vida utópica.

“Estar presente numa representação significa, portanto, experimentar uma certa irrealização, no sentido de que estamos preocupados com algo que nos separa de nossa realidade dada. Por isso, fala-se muito de escapismo, mas na verdade os leitores que reagem assim a textos literários nada mais expressam do que aquela experiência da irrealização durante a leitura. Se o texto ficcional irrealiza o leitor por meio das representações que provoca, ao menos durante a leitura, então é apenas consequente que no final da leitura aconteça algo assim como um despertar.” (Iser, 1996, v. 2, p. 102.)

A leitura de texto ficcional é uma experiência de “irrealização”, onde o leitor vai se desconectar temporariamente da sua realidade cotidiana para imergir nas representações e realidades oferecidas pelo texto. Durante a leitura, o indivíduo se concentra em um mundo alternativo criado pela narrativa, o que pode ser entendido como uma forma de escapismo, porém essa experiência é uma parte importante do processo de leitura, permitindo que o leitor se afaste da sua realidade e se envolva nas representações ficcionais.

Quando uma história é oferecida e aceita de forma livre, ela é internalizada mais fácil e naturalmente, essa internalização cria uma distância protetora, permitindo que a pessoa relembre e reflita sobre sua própria história principalmente nos momentos mais difíceis. Abordar as experiências mais dolorosas de maneira indireta por meio da leitura oferece um

caminho para uma elaboração e superação dessas memórias, a distância que o texto proporciona permite que o leitor explore suas próprias emoções sem se sentir exposto. “Quando não é sentida como algo imposto, uma história pode muito rapidamente se tornar parte de si e, criando ao mesmo tempo uma distância protetora, permitir evocar sua própria história” (Petit, 2009, p. 83).

“A contribuição da leitura para a reconstrução de uma pessoa após uma desilusão amorosa, um luto, uma doença etc. — toda perda que afeta a representação de si mesmo e do sentido da vida — é uma experiência corrente, e numerosos escritores a testemunharam” (Petit, 2009, p. 8). O ato da leitura vai além da simples decodificação de palavras, funciona como um processo introspectivo que ajuda a reconstruir a identidade e a ressignificar experiências dolorosas, é um mecanismo de simbolização, permitindo que os leitores enfrentem as suas questões ao visualizarem suas histórias nos personagens que espelham e transformam suas vivências.

Ler um texto que existem mundos novos de uma realidade diferente da do sujeito que lê, é uma leitura criadora de novos pensamentos que vão gerar novos atos de transformação. Esse contato com o novo renova as intenções consigo e com o mundo, a intenção de melhoria de si e da comunidade em que se está inserido, de colocar seu eu no outro presente no livro, e voltar com os conhecimentos que podem causar mudanças. “A biblioterapia propõe um pensamento viajante, para abrir a uma existência em que os homens pensam andando e segundo a verdade da marcha. A experiência da viagem nos faz sair da prisão do Eu. Tudo se refere ao caminho” (Ouaknin, 1996, p. 99).

O pensamento viajante implica que se está em busca de algo, em um deslocamento constante, a leitura leva a novos lugares e culturas, levando a novas perspectivas e experiências, dessa forma, a biblioterapia se torna uma possibilidade de estar em constante movimento mental e com as emoções, se torna um espaço de descoberta e questionamento. Cada leitura se transforma em uma oportunidade de explorar novas ideias e interpretações, de desconstruir conceitos e possibilitar uma renovação constante do ser e do eu.

Nesses encontros com o eu, pode se encontrar com versões do passado, portanto a leitura é uma experiência além do racional, enraizada em emoções e memórias, é “apropriar-se dos livros, é reencontrar o eco longínquo de uma voz amada na infância, o apoio de sua presença sensível para atravessar a noite, enfrentar a escuridão e a separação” (Petit, 2009, p. 28). Portanto, a leitura é um processo cognitivo, uma prática impregnada de afetividade e memória, um espaço onde o indivíduo pode reencontrar o conforto de uma presença acolhedora, desta forma os livros são como mediadores entre o eu e o mundo.

A biblioterapia está no processo, no ato de caminhar dentro da leitura e de se transformar constantemente, a cada nova leitura, o sujeito percorre novos caminhos, questionando suas convicções e descobrindo novos significados, essa trilha é imprescindível para a modificação do eu, pois dessa forma o indivíduo se reinventa a partir das novas experiências que encontra ao longo da jornada da leitura.

“O primeiro momento da biblioterapia é o de reabertura das palavras para um funcionamento polissêmico, e isso por meio da ruptura de um ato de des-significação, de des-ler e de des-atar” (Ouaknin, 1996, p. 163). Dessa forma, voltamos para os signos e significados presentes no texto, onde as palavras e a língua se tornam ferramentas que podem ser moldadas à necessidade do escritor e à possibilidade de interpretação e assimilação dos leitores, isso abre assim possibilidades pós-textuais e pós-leitura, que se desdobram de maneira única em cada indivíduo.

“A literatura (assim como a poesia) é uma vasta metáfora que interroga, recria, revela, interpreta, compreende, narra a condição humana” (Lima, 2012, p. 47). Os livros e escritos produzidos através dos séculos conseguiram explorar as diversas possibilidades de vidas, sonhos e tristezas que a humanidade passou e pode passar, portanto a leitura consegue explorar essas perspectivas e preparar o leitor para o futuro, acalenta-lo em uma situação atual, ou permitir que ele explore outros mundos e viaje através dos encantamentos que um livro pode proporcionar.

Petit (2009) argumenta que o texto literário ao refletir na experiência do leitor pode despertar não apenas pensamentos, mas também emoções e potenciais de ação. Essa conexão entre corpo e espírito, mediada pela leitura, libera uma energia que permite ao leitor superar a imobilidade e avançar para novas possibilidades, transformando sua relação com o mundo e consigo mesmo, podendo romper com a inatividade emocional, oferecendo reflexões sobre as condições do leitor, e também uma energia renovada para enfrentar desafios ou buscar novas perspectivas. Dessa forma, o ato de ler é uma prática ativa e libertadora, que pode reconectar o leitor com sua própria vitalidade, fazendo com que ao interagir com o texto, o leitor interprete suas experiências, reconheça novas possibilidades, e como consequência encontre meios para superar a sua situação.

Após a leitura, e até mesmo durante, ocorre o despertar do leitor em que ele retorna para sua vida e sua realidade. Esse retorno, algumas vezes, pode ocorrer como um sentimento de desilusão, principalmente quando o leitor é cativado pelo texto e nesse processo de despertar juntamente com a irrealização, causa mudanças no indivíduo. “Ler é ver através de

uma lente que nos permite vislumbrar o antes imperceptível que está no mundo e que as letras condensam de modo admirável” (Yunes, 2012, p. 82).

Ao sair da ficção e voltar para a realidade, o leitor ganha uma nova perspectiva sobre o próprio mundo, a experiência da leitura permite ao leitor observar e avaliar de maneira diferente a sua realidade, com mais clareza e objetividade, proporcionando uma melhor compreensão de sua própria vida e circunstâncias que o cercam.

“Toda leitura implica fenômeno de interpretação, que o ato de interpretação é inerente à leitura e que a interpretação é, em si, uma terapia” (Ouaknin, 1996, p. 19). O ato de ler não é passivo e exige uma construção ativa de sentido, vai além de uma simples decodificação das palavras presentes no texto, é um processo subjetivo onde o leitor, trazendo suas próprias experiências, cria significados únicos.

Ler sempre é interpretar, o leitor exerce um papel de coautor onde vai preencher os vazios deixados pelo autor, fazendo com que a leitura seja dinâmica e criativa, portanto, a leitura por si só tem esse caráter de efeito terapêutico, por fazer com que o leitor ao interpretar o texto, reflita sobre suas próprias questões e encontre formas de compreendê-las. Esses processos vão possibilitar uma autocompreensão, uma ressignificação, tornando a leitura um meio para a promoção de bem-estar e transformação pessoal.

Petit (2009) propõe que a leitura cria um espaço privilegiado para o autoconhecimento e a introspecção por meio das histórias e personagens, possibilitando que encontrem eco de suas experiências e emoções percebendo-se parte de algo maior. A leitura tem um efeito de individualização, ajudando os leitores a se perceberem como indivíduos únicos, capazes de pensar criticamente e traçar seus próprios caminhos, possibilitando com que estes transcendam o ato solitário, conectando leitores ao texto, ao autor e a outros leitores, formando uma rede de significados compartilhados.

“O diálogo biblioterapêutico oferece possibilidades de novos mundos. A bipolaridade de sua estrutura estimula a livre circulação e a troca criadora. O sujeito do diálogo tem acesso, então, a um domínio mais criador, no qual ideias, imagens e condutas novas emergem para a consciência” (Ouaknin, 1996, p. 157). Essa bipolaridade, pode ser vista como um processo dialógico, envolvendo as trocas entre a interpretação do texto e o objeto em si, uma terra fértil para a descoberta de novos mundos, nessa interação permite que o sujeito transcenda suas percepções explorando um lado mais criativo, onde irão surgir novas ideias. Através desses processos, a consciência é continuamente expandida, permitindo a abertura de espaço para transformação e surgimento de novas possibilidades de ser e compreender

“No processo da leitura interagem incessantemente expectativas modificadas e lembranças novamente transformadas” (Iser, 1996, v. 2, p. 17). A leitura não é um ato estático, mas um processo dinâmico, em que o leitor revisa e ajusta suas expectativas e interpretações tendo como base as informações contidas no texto juntamente com as próprias e memórias, dessa forma, esse movimento entre o que se espera, e o que se lembra e se recupera, ajuda na construção do significado do texto. O autor ainda diz que, no momento em que um determinado aspecto imerso no passado está sendo recuperado, o que é intencionalmente despertado no leitor não aparece de forma isolada, mas se encontra envolto em um contexto.

A leitura, nesse caso num contexto da biblioterapia, é um processo dinâmico e interconectado, no qual as percepções do leitor que estão em movimento com o texto, são moldadas e remoldadas por novas e antigas informações consumidas. Essa interação permite que o sujeito construa um entendimento profundo e contextualizado do texto, e também explorar e avaliar aspectos emocionais e psicológicas pessoais.

“Devemos todos fazer o desvio pela palavra de outro para ouvir ressoar nossas próprias palavras. Não se trata da utilização do outro, mas da força do encontro e do diálogo” (Ouaknin, 1996, p. 80). Esse processo de encontro com o outro através da narrativa, numa abertura em que se consegue ver o mundo do outro, permite perceber novas possibilidades de compreensão de si, e através da narrativa do outro o sujeito é desafiado a expandir sua visão da realidade, questionando as certezas e conectando novas realidades de si mesmo.

O diálogo autêntico com a narrativa é essencial para o processo de transformação, permitindo que as palavras ressoem no leitor, e faça com que se abram para novas perspectivas, internas e externas. Nesse contexto, a narrativa do outro não serve apenas como um meio para alcançar mudanças, ela é na verdade, um estimulador de um processo de auto descoberta e evolução, ao interagir com o texto ou a história de outra pessoa, o leitor é desafiado a refletir, reinterpretar e, muitas vezes, reconfigurar suas próprias experiências e crenças.

Quando uma parte do texto evoca memórias ou emoções passadas, isso não ocorre de forma isolada, essas memórias e perspectivas são reativadas dentro de um contexto amplo, que inclui novas experiências e interpretações adquiridas ao longo da leitura e da narrativa. Dessa forma, o leitor revisita essas ideias e sentimentos sob uma nova perspectiva, que pode contribuir para processos de cura, autocompreensão e crescimento pessoal, é nesse sentido, que na biblioterapia, esse retorno às memórias e emoções no subconsciente, faz com que haja

um enfrentamento de desafios internos, possibilitando um processo de transformação e bem-estar através da literatura.

“A biblioterapia é um trabalho de movimentação da identidade que procura fazer emergir esses momentos privilegiados em que o homem se arranca da imagem dele mesmo, que seria simplesmente um agora da representação e uma abolição do tempo” (Ouaknin, 1996, p. 114) Esse processo busca promover momentos em que o leitor vai ser capaz de se desprender de uma representação fixa de si, se entendendo como um indivíduo em constante transformação, nesse movimento, o sujeito pode revisitar o passado para ressignificar as experiências vividas, ao mesmo tempo em que se abre para as possibilidades futuras.

As histórias presentes nos livros são oportunidades de pôr a imaginação do leitor para agir em mudança de direção de sua história pessoal. O processo biblioterapêutico promove uma fluidez de identidade, onde o ser humano vai se ver e se colocar em constante transformação, redescobrando sua multiplicidade e capacidade de renovação, dessa forma, a biblioterapia se mostra como uma prática que não só amplia a compreensão de si, mas também reativa o potencial de crescimento e de transformação.

“[...] Estamos todos nós cheios de vozes, que o mais das vezes, mal cabem em nossa própria voz. [...] E tudo isso em ti se deposita e cala, até que derrepente um susto ou uma ventania (que o poema dispara) chama esses fósseis à fala, meu poema é um tumulto alarido, basta apurar o ouvido” (Gullar, 2012, p. 167). O trabalho da biblioterapia é criar uma relação entre o contexto que a pessoa está vivendo e os autores e livros que podem dialogar com o indivíduo naquele momento, podendo colocar o leitor na posição de observador da própria história, dos próprios problemas, ao ler um livro que aborda um assunto pelo qual ele está passando, englobando também o conceito de alteridade.

Ao se ver refletido nos problemas e narrativas de outros presentes nos textos, o sujeito expande sua compreensão do outro da sua realidade, e de si mesmo. A leitura, nesse sentido, pode servir como um sopro que desperta para a vida e alavanca as vozes internas, permitindo que as questões antes adormecidas venham à tona, possibilitando uma nova interpretação de sua própria existência e passe a se movimentar para pôr em prática os atos para uma mudança.

“A biblioterapia é uma psicodinamização da existência por meio do encontro hermenêutico em torno do livro, no qual cada interpretação é a criação da alteridade e de tempo novo” (Ouaknin, 1996, p. 157). O leitor constrói uma relação de troca com o livro percebendo as semelhanças e diferenças entre eles, as motivações do consciente e inconsciente, trazendo as interpretações dos textos de encontro com a interpretação dos seus

próprios problemas criando uma possibilidade de aprendizado, cura, que vai afetá-lo positivamente quando houver os encontros e intervenções de biblioterapia.

“Na leitura pensamos pensamentos de um outro, pensamentos que representam em princípio uma experiência estranha” (Iser, 1996, v. 2, p. 41), portanto, reflete a essência da leitura como um encontro com um desconhecido, onde se depara com ideias e experiências que não são suas. No contexto da biblioterapia, isso se torna ainda mais significativo, pois, ao envolver com os pensamentos de outro, o indivíduo não apenas expande sua compreensão de mundo, mas também se conecta com aspectos de sua própria experiência, à medida que o leitor se aprofunda no texto, uma interação entre as ideias do livro e as memórias e percepções dele faz com que se crie um espaço para reflexão e transformação pessoal.

A leitura é um processo dinâmico, assim como é a biblioterapia, esse processo reativa memórias e emoções, que permite que o leitor revisite experiências passadas sob um novo ponto de vista, assim, a leitura não é apenas absorção de informações ou entretenimento, é uma interação que provoca mudanças ao explorar experiências estranhas através dos pensamentos de outro, dessa forma, o leitor enriquece sua experiência propiciando um entendimento mais profundo de si, de sua realidade, da sua sociedade, comunidade e do contexto que o cerca. Essa interação é uma ferramenta que pode ser usada para o crescimento pessoal, cura e bem-estar, ao permitir que o leitor transforme suas experiências e perspectivas através da literatura.

“Cada relação estabelecida produz uma série de conexões no campo do ponto de vista do leitor, este afetará necessariamente a conexão realizada entre as posições do texto. Noutras palavras: o ponto de vista do leitor se torna o pré-requisito para a transformação dessa conexão” (Iser, 1996, v. 2, p. 168). Essa relação requer uma paciência cognitiva, que seria a habilidade de dar o tempo necessário ao processo de leitura, permitindo que transformações e conexões aconteçam de forma completa e significativa, a compreensão profunda de um texto não é imediata, resulta de uma dedicação ao processo, possibilitando que novas ideias e interpretações floresçam conforme o leitor reflete e explora as camadas do conteúdo textual.

“A compreensão permite ao leitor desmascarar a dissimulação do comportamento humano e produzir as condições para controlar na própria vida o equilíbrio necessário entre as normas de conduta e as situações empíricas. O propósito didático do romance se completa nessa diferenciação de atitudes” (Iser, 1996, v. 2, p. 177). Esse processo envolve uma análise profunda, que ajuda o leitor a compreender as normas com as experiências do mundo real, por meio da leitura, o sujeito pode refletir como aplicar esses conhecimentos, e às vezes até

mesmo uma epifania, em sua própria vida, ajustando suas atitudes com base nos aprendizados apreendidos no texto.

O romance cumpre um papel de provocar uma reflexão crítica sobre o comportamento humano, suas consequências. Essas análises não ocorrem imediatamente, é lenta e progressiva, exigindo do leitor paciência e engajamento no texto, a compreensão surge aos poucos, à medida que o leitor se aprofunda, e gradativamente vai explorando, experimentando, e interagindo com as camadas e significados presentes.

O leitor passa a experimentar um mundo que inicialmente era pouco habitual, uma realidade que não é determinada por seus hábitos e conhecimentos passados, dessa forma, abre espaço para uma exploração de novas ideias e conceitos, que sem essa interação, poderiam nunca ser acessíveis. A leitura, nesse sentido, desafia o leitor a sair de sua zona de conforto, experimentar o desconhecido e mudar a compreensão da realidade em que está inserido através do diálogo com o texto.

A personificação do pensamento em um outro, segundo Lauro (2014), acontece com uma certa hesitação, aproximar-se do outro, enxergar os movimentos que o percorrem, a relação de forças que ali se encontram, perceber os acontecimentos do pensamento, e ali fundamentar um conceito sobre ele, que se mostra tão móvel e dinâmica quanto às condições de sua criação dela. O humano tem uma relação de dependência com o outro, na medida que, o indivíduo só pode existir através do contato e troca de experiência com o outro, e o livro e seus personagens têm esse papel de identificação e aprendizado.

O leitor é estilizado como viajante que, através do romance, empreende uma viagem difícil, a partir de seu ponto de vista flutuante. É evidente que ele combina, em sua memória, tudo que vê e estabelece um padrão de consistência, cuja confiabilidade depende parcialmente do grau de atenção que manteve em cada fase da viagem. Em nenhum caso, porém, a viagem inteira é disponível para o leitor a cada momento (Iser, 1996, v. 1, p.45).

Essa perspectiva flutuante, diz respeito a compreensão e a percepção que vai ter um caráter de constante mudança conforme o leitor se desenrolar na história e no livro. Durante essa viagem, o leitor reúne e organiza as informações disponíveis, construindo um padrão que depende do quanto ele conseguiu absorver ao longo do percurso, porém, vai depender da familiaridade que ele tem com as referências presentes e sua competência em entender as representações do texto.

Os textos só se tornam efetivos por meio da leitura, incluindo aqueles que têm um valor ou contexto histórico e que já não possui um impacto imediato, e os textos que mostram mundos que já não existem ou que são estranhos, ganham significado à medida que se

constrói o sentido durante a leitura e passa a ser capaz de compreendê-los. Portanto, as ficções, os clássicos, os romances, têm uma importância na forma com que se vai entender e buscar resoluções para a situação pela qual se está passando, o sentido criado durante a leitura vai gerar uma transformação através da interpretação. O texto por si não causa efeito, a leitura dele é o que o faz ser.

“A interpretação ganha uma nova função, em vez de decifrar o sentido, ela evidencia o potencial de sentido proporcionado pelo texto” (Iser, 1996, vol: 1, p. 54). A interpretação deixa de ser o processo decifração, onde o leitor buscava encontrar um sentido determinado pelo autor, ou oculto do texto lido, e passa a ser uma forma de explorar as possibilidades de sentidos e significados, um ato criativo e dinâmico, onde o texto não tem um sentido fixo, mas uma gama de possibilidades que serão descobertas, dependendo de cada leitor, seu passado e sua experiência de leitura. O texto literário é um espaço de múltiplas possibilidades, sua leitura pode revelar diferentes camadas e perspectivas, oferecendo uma experiência rica e multifacetada.

“Por que lemos? por que interpretamos? A resposta é clara: para fazer com que o ‘ser infinitivo’ não se transforme em ‘ser definitivo’, para fazer com que a existência possa ainda ser entendida como transcendência” (Ouaknin, 1996, p. 122). Através da leitura, o leitor é confrontado com novas ideias, narrativas e experiências, que desafiam eles a reavaliar quem são, como se percebem e a realidade ao seu redor.

Dessa forma, o ato da leitura se transforma em uma ação de transcendência, permitindo que a existência não se limite a realidade na qual o indivíduo está inserido, mas se expanda em direção a novas possibilidades de ser e compreender. A ação da biblioterapia ao ler, faz com que o sujeito se desprenda da rigidez do presente e das definições de sua identidade, entrando em um espaço onde interpretações e significados podem surgir, abre portas para reconstruir a visão de mundo, e ao mesmo tempo, se reconstrói internamente, proporcionando um processo contínuo de auto descoberta e evolução.

A leitura que vai em direção à transcendência oferece ao leitor a oportunidade de descobrir o mundo e a si de maneiras renovadas, esse processo não é apenas uma absorção de informações, mas engloba uma transformação no modo como o leitor se coloca na vida, promovendo um diálogo entre o texto e a sua experiência. Com isso, a leitura se torna um caminho de expansão, onde o leitor explora novos territórios e também investiga seu interior, encontrando novas formas de interpretar a realidade em que se encontra e se posicionar nela.

Iser (2019) diz que a relação entre o leitor e o texto se atualiza conforme o leitor insere as informações sobre as mudanças que o texto provocou nele, na biblioterapia, o texto é o

fomentador da mudança, à medida que o leitor insere suas vivências e experiências faz com que haja transformação dos significados de acordo com o impacto que ocorre no indivíduo. Esse processo é contínuo, possibilitando a compreensão do que está explícito, mas também criando novas visões que vão ressoar e multiplicar de acordo com suas próprias experiências.

O processo biblioterapêutico entende que o verdadeiro sentido do texto vai além do que está diretamente comunicado. O diálogo entre texto e leitor é polissêmico, oferece ao leitor a oportunidade de se enxergar e refletir a partir das possibilidades sugeridas pela narrativa, dessa forma, o sentido do texto não é algo pré-existente que o leitor absorve, mas algo que emerge na interação, sendo produzido pelo leitor à medida que ele dialoga com as ideias, emoções e símbolos que o texto desperta.

Este também é um processo temporal e contínuo, a totalidade do impacto do texto não é apreendida de imediato, as transformações provocadas pela leitura continuam a se desenvolver após o término do livro, influenciando a percepção do leitor sobre sua própria vida e o mundo ao seu redor. Essa abordagem está no cerne da biblioterapia, onde a leitura é vista como uma ferramenta terapêutica justamente porque reverbera e proporciona novos entendimentos e curas emocionais ao longo do tempo, à medida que o leitor processa e ressignifica suas experiências através do texto.

“É preciso abrir-se para... acolher o acontecimento e a surpresa, o surgimento do mundo. As percepções feitas, as palavras e idéias, a imagem de si e do mundo, em resumo, o conjunto dos preconceitos devem se des-ligar, de-senlaçar, des-dizer, des-ler, de-significar. Dialética incessante do ser e do nada” (Ouaknin, 1996, p. 90). É preciso romper com as formas rígidas de pensamento e percepção para criar espaço para a surpresa e o novo significado, libertando-se das amarras dos pensamentos previamente formados e presentes em sua mente, o indivíduo se abre para enxergar além das interpretações habituais e permite acolher o novo e aceitar mudanças.

Esse processo representa um ciclo constante de construção, desconstrução e reconstrução, da identidade do sujeito, juntamente com o texto, e os significados possíveis, assim também ocorre a transformação pessoal, permitindo que o sujeito esteja sempre em renovação, rompendo com as antigas formas de compreensão que antes podiam estar infligindo males a si, e dando lugar a novos pensamentos que possibilitam uma cura e melhoria, numa dinâmica constante e cíclica de crescimento e autodescoberta.

Dentro desse processo a literatura não é só utilizada para nomear novas perspectivas, e nesse sentido a inclusão da escrita no processo, não só é incentivada, como também essencial. A leitura vai ser essencial para que o indivíduo compreenda e veja o seu eu, ou o que está

passando no momento em outro, enquanto o processo de escrita faz com que expresse o que se tem sentido e experienciado durante o processo da biblioterapia, sem compromisso com algum tipo de valor literário, porém com a intenção de retirar de si o que aflige. "Ao escolher as palavras com que narrar minha angústia, eu já respiro melhor, a uns Deus os que quer doente, a outros quer escrevendo" (Prado, 1991).

5 O BIBLIOTECÁRIO BIBLIOTERAPEUTA

A atuação do bibliotecário na área da biblioterapia parte da capacidade dos profissionais em serem mediadores da informação e culturais, ter a possibilidade de apontar uma direção onde o indivíduo possa ter acesso à informação e também o poder de mediar e promover a cultura e o cuidado através da literatura e outras ações. Os bibliotecários são agentes de transformação social e individual, preparados para fazer mudanças significativas nas vidas dos que os rodeiam, e a biblioterapia é uma ferramenta de mediação ao qual une o livro e o leitor para reflexão e mudança em suas vidas.

O bibliotecário mediador deve ter cuidado ao fazer essa função, para não pôr suas vontades e ideologias acima da necessidade do leitor. A mediação de leitura vai além da indicação de um livro, ela é o entendimento das necessidades dos indivíduos juntamente com os gostos deles, desenvolvida através do diálogo, dessa forma a intervenção torna-se assertiva, respeitando sempre o desejo do usuário.

É necessário permitir que o leitor evolua em suas preferências literárias, fornecendo-lhe novos horizontes a serem explorados, além daquele que foi seu ponto de partida. Não devemos limitar a experiência leitora de alguém com base no que nós cremos ser bom (Santos; Pajeú, 2021, pg. 708).

O caráter dinâmico da experiência de leitura dentro da biblioterapia é o caráter principal da evolução do leitor, a mediação não deve ser restritiva, e sim orientada para o crescimento pessoal e intelectual do indivíduo, portanto, o papel do bibliotecário biblioterapeuta é proporcionar um ambiente em que o leitor possa expandir suas fronteiras, explorando as suas preferências literárias, porém também descobrindo novos gêneros, autores e temas, que inicialmente é estranho, podem se revelar transformadores. Limitar as escolhas literárias pode impedir que o leitor vivencie outras perspectivas que ajudem em seu processo de autoconhecimento e cura.

Esse processo de descoberta de novas áreas da literatura também envolve um equilíbrio entre a orientação cuidadosa do profissional e a liberdade de escolha do leitor, o bibliotecário deve atuar como um facilitador, sugerindo leituras que dialoguem com as necessidades e interesses do leitor, mas sem impor uma trajetória predeterminada. Ou seja, a curadoria literária deve ser flexível e adaptável, respeitando o ritmo e as preferências individuais, ao mesmo tempo em que oferece estímulos para que o leitor saia de sua zona de conforto, esse ato é uma prática de empoderamento, em que o leitor se apropria de sua

experiência literária de forma autônoma, mas sempre contando com o apoio do profissional para orientar o processo de maneira sensível e ética. A jornada é unicamente do sujeito, o bibliotecário é um guia.

No entanto, essa orientação deve ser direcionada baseada no conhecimento do estado emocional e psicológico do leitor. O bibliotecário biblioterapeuta deve conhecer os livros que serão trabalhados, para entender os possíveis gatilhos presentes nas obras, como temas que abordam depressão, abusos e violências, que podem agravar o quadro de saúde mental. Nesse sentido, a mediação não pode ser vista como um processo neutro e mecânico de seleção e indicação de obras, sendo assim, é fundamental que o profissional conheça a trajetória pessoal do leitor e esteja atento às possíveis implicações que alguns textos podem ter no bem-estar do sujeito, tanto positivamente quanto negativamente.

Pois, como afirma Cândido (2012) a literatura não é algo inofensivo, é uma viagem que pode causar danos psíquicos e morais. Ela tem um papel de formação de personalidade que quando mediada de forma displicente pode atingir o leitor de uma forma violenta que pode agravar o quadro clínico dele, trazendo pioras ao invés de melhoras e bem-estar. “Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco” (Cândido, 2012, p. 24)

A curadoria de materiais literários é, dessa forma, um ato de cuidado que envolve tanto a sensibilidade na escolha das obras quanto a criação de um ambiente seguro para o leitor, uma escolha inadequada pode provocar mais sofrimento, enquanto uma seleção cuidadosa tem o potencial de auxiliar no processo de cura, a biblioterapia, nesse contexto, assume uma dimensão terapêutica que exige do bibliotecário não apenas conhecimento literário e de mediação, mas também habilidades de escuta e empatia, para compreender as necessidades subjetivas de cada um. Isso reforça a ideia de que a leitura, na biblioterapia, deve ser uma experiência transformadora e segura, onde o leitor é conduzido por novos caminhos sem perder de vista seu ponto de partida, sua condição individual e emocional.

Indicar os caminhos, selecionar os materiais de leitura e a forma de fazer a mediação, para que se faça uma intervenção de qualidade e para um aperfeiçoamento do leitor, é um dos papéis essenciais do bibliotecário biblioterapeuta. “A biblioterapia surge como uma ação ao alcance dos bibliotecários que lhes dá o poder de atuar nos campos da saúde mental, ajudando na reabilitação e restauração de sujeitos emocionalmente feridos” (Santos; Pajeú, 2021, p. 705). Um dos objetivos da biblioterapia é fazer com que o leitor descubra e trabalhe sentimentos de forma a minimizar aquilo que o aflige, praticar a leitura que faça refletir e cuidar da mente, ao mesmo tempo que promove distração e lazer.

A responsabilidade do bibliotecário biblioterapeuta em selecionar materiais de leitura e conduzir a mediação é central para garantir a eficácia da intervenção. Ao indicar os caminhos, o bibliotecário não está apenas sugerindo obras, mas delineando um processo de descoberta pessoal para o leitor, esse processo requer uma compreensão das particularidades emocionais e psicológicas envolvidas no ato da leitura, para que a seleção das obras atenda tanto às necessidades de reflexão quanto de alívio. Cada leitura sugerida é, portanto, uma oportunidade de intervenção terapêutica.

Além disso, o profissional deve considerar a importância da variedade e da acessibilidade dos textos escolhidos, a função de mediador vai além de apresentar clássicos literários ou textos reconhecidos e em alta no momento, o biblioterapeuta deve garantir que o leitor tenha acesso a uma diversidade de vozes e narrativas que vão ampliar as possibilidades de identificação e diálogo interno, permitindo que o leitor encontre conexões com suas próprias vivências e preencha os vazios do texto com elas. A multiplicidade de temas e perspectivas, quando apresentada com sensibilidade, pode abrir novas portas para a cura e prazer na leitura, que são essenciais no processo terapêutico.

A mediação de qualidade exige uma abordagem ativa e personalizada, o bibliotecário precisa avaliar constantemente o impacto das leituras sobre o leitor, ajustando as indicações conforme o progresso e as necessidades que surjam, esse acompanhamento garante que a intervenção seja contínua e adaptativa, permitindo que o leitor tenha um espaço para explorar as emoções e pensamentos, enquanto alterna entre o lazer da leitura e a reflexão que ela pode desencadear. Portanto, o bibliotecário atua como um guia que apresenta um caminho para o leitor conforme ele avança, oferecendo apoio sem restringir a liberdade de escolha.

A biblioterapia quando conduzida de forma eficaz se torna uma prática integrativa, atuando na saúde mental e também no desenvolvimento intelectual e cognitivo do indivíduo. O aspecto restaurativo e reabilitação, descrito por Santos e Pajeú (2021), reforça o papel do bibliotecário como cuidador que atua para restaurar o equilíbrio emocional do leitor, ajudando a reencontrar um sentido de bem-estar, nesse contexto, o poder da literatura transcende o entretenimento e se transforma na ferramenta terapêutica que ajuda a revisitar e reconfigurar as narrativas pessoais, aliviando a dor e promovendo o crescimento pessoal.

A mediação cultural – termo mais amplo que em nosso entendimento engloba a mediação da informação, por ser a informação um objeto cultural - requer do mediador competências e atitudes de um protagonista cultural, para atuar como tal junto a outros protagonistas, com conhecimentos interdisciplinares e consciência de sua função social (Lima; Perrotti, 2016, p. 162)

A intervenção biblioterapêutica deve ser vista como um processo colaborativo, entre leitor e bibliotecário, onde a escuta ativa e a sensibilidade são fundamentais. A capacidade do bibliotecário de ajustar as recomendações e a maneira de conduzir as sessões com base no feedback do leitor, é crucial para o sucesso da prática, tendo em vista que, a mediação da leitura não é uma prática estática, ela evolui conforme o leitor se apropria de sua experiência literária e emocional, exigindo do mediador conhecimento técnico e comprometimento contínuo com o bem-estar do leitor, garantindo que cada leitura tenha o potencial de promover a cura, reflexão e lazer de forma equilibrada.

Portanto, “podemos esperar que a biblioterapia seja usada por profissionais da saúde e bibliotecários no auxílio à redução do sofrimento físico e psicológico que acomete sujeitos das mais variadas instâncias” (Santos; Pajeú, 2021, p. 711), dessa forma, a colaboração entre bibliotecários biblioterapeutas e outros profissionais da saúde é uma característica fundamental para o sucesso da biblioterapia como prática terapêutica. Embora a literatura seja uma ferramenta poderosa para o alívio do sofrimento emocional, a complexidade de muitos casos requer uma abordagem multidisciplinar, na qual o mediador trabalha em conjunto com psicólogos, psiquiatras e outros especialistas.

Um dos principais benefícios dessa abordagem integrada é a possibilidade de alinhar a biblioterapia com demais tratamentos. Por exemplo, um paciente em acompanhamento com psicólogo pode ter um plano terapêutico que inclui a leitura como forma de trabalhar as questões emocionais de maneira indireta e leve, ao mesmo tempo que o psicólogo pode monitorar como o paciente responde aos textos sugeridos. Essa sinergia entre os profissionais é essencial para garantir que o tratamento literário seja seguro e eficaz.

Além disso, a presença de outros profissionais da saúde no processo proporciona uma rede de suporte que fortalece a intervenção. O bibliotecário, apesar de ser o mediador literário, muitas vezes precisa do auxílio de especialistas para interpretar sinais sutis de sobrecarga emocional ou angústia durante as sessões, a cooperação com terapeutas e psicólogos permite uma análise mais profunda dos efeitos das leituras, identificando os impactos positivos além dos possíveis negativos, garantindo que a biblioterapia seja ajustada conforme os resultados observados.

Esse diálogo interdisciplinar possibilita uma visão mais ampla e personalizada do indivíduo, a biblioterapia visa o autoconhecimento e à reflexão por meio dos livros, e os textos geram meditação dos traumas, memórias e desafios vividos pelo leitor. Ao compartilhar impressões e progressos com outros profissionais, o bibliotecário pode ajustar sua intervenção

de maneira precisa, podendo garantir que o indivíduo avance em sua jornada pessoal sem se sentir sobrecarregado ou retraído pelo conteúdo dos livros, assim sendo, colaboração interprofissional cria um ambiente seguro, onde a literatura se torna o catalisador da cura que tanto se busca nela, sem o risco de colocar o leitor num confronto excessivo com suas questões.

Outro aspecto importante dessa parceria profissional é a garantia de uma abordagem ética e informada. Trabalhar com a saúde mental das pessoas requer uma compreensão de suas necessidades psicológicas, por isso a biblioterapia para indivíduos que a buscam como uma ferramenta terapêutica, não pode ser conduzida de forma isolada, em sua função como mediador, é necessário alinhar as práticas com os profissionais que detêm o conhecimento clínico, para tornar a intervenção segura, ética e benéfica. Essa integração entre áreas reforça a importância de uma base curricular multidisciplinar nos cursos de graduação de biblioteconomia.

A união entre profissionais de diferentes áreas do conhecimento enfatiza como é importante a biblioterapia como uma área complementar ao campo da saúde mental, ao colaborar com profissionais da saúde, o bibliotecário biblioterapeuta amplia o alcance e o impacto de suas intervenções, contribuindo para o alívio do sofrimento de forma mais eficaz e abrangente. Essa sinergia entre literatura e terapias mostra que o cuidado com a saúde mental não precisa ser unidimensional, pode envolver múltiplas abordagens que em conjunto com uma intervenção mais profunda pode transformar o leitor, porém a transformação virá do indivíduo.

“É engano pensar que apenas a leitura salvará o indivíduo – esse é um trabalho conjunto no qual ela prestará apenas um papel” (Santos; Pajeú, 2021, p. 718). É um equívoco subestimar a complexidade dos processos de cura emocional e desenvolvimento pessoal, embora a leitura tenha um papel essencial, ela sozinha não é suficiente para uma transformação completa e significativa, pois ela é uma ferramenta que deve ser vista como parte de um conjunto maior de intervenções que envolvem outras práticas terapêuticas e suporte de outros profissionais, como já apresentado. O papel da literatura nesse contexto, não é o de substituir outras formas de terapia, mas complementar, oferecendo um espaço de mediação e reflexão.

A leitura, quando mediada corretamente, pode abrir possibilidades de autoconhecimento, mas essa jornada depende da capacidade do indivíduo de processar e aplicar o que foi lido em seu contexto pessoal. A mediação oferece caminhos através da literatura que incentivam a contemplação e o diálogo interno, fazendo com que a biblioterapia

seja um suporte terapêutico contínuo que possibilita ao leitor integrar as reflexões em seu processo de cura, portanto, a função do bibliotecário biblioterapeuta está enraizada na mediação cultural e na facilitação do acesso à informação de forma consciente e sensível, não é apenas uma seleção de livros e textos, é um direcionamento capaz de estimular o desenvolvimento pessoal.

É através desse papel que os profissionais têm o poder de apontar direções onde os indivíduos possam encontrar acesso à informação relevante, enquanto também promovem a cultura e o cuidado por meio da literatura e outras iniciativas, “[...] o que favorece o desenvolvimento do autoconhecimento e, conseqüentemente, da humanização, por meio da interiorização” (Silva; Fernandes, 2023, p. 15). Contudo, para que esse processo aconteça de maneira equilibrada, a leitura deve ser acompanhada por outras formas de intervenção e diálogo, onde permitirá que o indivíduo entenda, processe e aplique em sua vida as inspirações que ocorrem na leitura.

A literatura pode funcionar como um espelho, ajudando o leitor a confrontar suas emoções e experiências, mas esse processo pode ser emocionalmente intenso. O bibliotecário não apenas apresenta o leitor a novas ideias, mas proporciona um processo de reflexão, ajudando a transformar a experiência de leitura em uma ferramenta construtiva de crescimento pessoal, promovendo um meio de identificação e empatia, que transcende o indivíduo e o conecta com experiências coletivas, colocando o leitor em contato com narrativas mais amplas, promovendo uma compreensão maior do outro e da sociedade.

Um dos principais objetivos da biblioterapia é guiar o leitor na descoberta e no manejo de sentimentos, buscando minimizar o impacto do que lhes aflige, a prática da leitura reflexiva e o cuidado com a mente são pilares fundamentais nesse processo de autocuidado e desenvolvimento pessoal, afinal, o bibliotecário biblioterapeuta desempenha um papel essencial na promoção do bem-estar emocional e na facilitação do crescimento pessoal por meio da leitura e da cultura.

Portanto, o bibliotecário biblioterapeuta tem uma atuação multifacetada, que envolve não apenas a seleção de materiais literários, mas também acompanha o processo de leitura nas mediações, assegurando que essa atividade se insira num contexto amplo de suporte emocional. A leitura sozinha não salvará o indivíduo, mas quando combinada com outras práticas, intervenções e outros profissionais, é um caminho poderoso para a cura e o crescimento pessoal. A formação humana e a responsabilidade social do bibliotecário, juntamente com sua mediação responsável e cuidadosa, possibilita a criação de um ambiente

propício para que a leitura desempenhe um papel equilibrado e transformador, que terá impacto nos cidadãos e na sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi possível explorar a interseção entre a biblioteconomia social, a mediação e a biblioterapia, destacando o papel do bibliotecário como um agente transformador e mediador no acesso à informação e à cultura. A análise realizada permitiu compreender que a biblioteconomia não se limita a organização e preservação de acervos, se estende à promoção da inclusão social por meio da democratização da informação, e da formação de leitores por meio da mediação de leitura e da biblioterapia. Nesse contexto, o bibliotecário assume a função como mediador cultural, capaz de influenciar positivamente a forma como os usuários constroem seu repertório informacional, cultural e compreendem o mundo ao seu redor.

A biblioteconomia social redefine o papel do bibliotecário, indo além da gestão técnica para assumir uma função ativa como mediador cultural. Essa abordagem prioriza a democratização do conhecimento, a inclusão social e o diálogo comunitário, transformando a biblioteca em um espaço dinâmico de construção coletiva, onde trocas culturais e educacionais fortalecem a cidadania e o senso de pertencimento.

Ao trabalhar a democratização da informação de forma ética o bibliotecário promove acesso equitativo à informação, combatendo marginalizações e incentivando a participação crítica, assim, a mediação revela-se não apenas um instrumento de disseminação, mas um ato político comprometido com a justiça social, consolidando a biblioteca como agente essencial na formação de sociedades democráticas, plurais e informadas, utilizando da leitura como um meio para atingir esse objetivo.

A leitura literária transcende a decifração de palavras, configurando-se como um diálogo dinâmico entre texto, leitor e contexto, tendo um papel importante na compreensão do mundo e na conexão com dimensões universais da experiência humana. A interpretação, influenciada pelo repertório cultural e emocional do leitor, preenche os vazios presentes no texto, gerando significados únicos, além disso, os processos cognitivos e a leitura profunda ativam empatia, imaginação e conhecimento prévio, ampliam a capacidade crítica do indivíduo.

Essas interações transformam a leitura em ferramenta de autoconhecimento e emancipação, formando leitores capazes de ressignificar realidades individuais e coletivas. Dessa forma, a literatura consolida-se como espaço vivo de reflexão, onde texto e leitor coabitam, transcendendo limites para construir sentidos que renovam a relação do sujeito com ele mesmo, com a sua comunidade e com o mundo. Essa melhoria na relação do sujeito com

ele através da leitura é o que a biblioterapia busca, ela consolida-se como uma prática de mediação que transcende a leitura passiva, transformando-se em um diálogo dinâmico, e por meio da interação com as narrativas, o indivíduo ressignifica experiências, confronta emoções e reconstrói sua identidade, num processo contínuo de autodescoberta.

A biblioterapia oferece um espaço seguro para explorar realidades alternativas e revisitar memórias sob novas perspectivas, promovendo cura e crescimento, além disso, a troca coletiva em grupos de leitura amplia essa experiência conectando vozes diversas em uma rede de significados compartilhados. Assim, a biblioterapia não se limita à terapia tradicional, é um convite à reinvenção pessoal, onde a palavra escrita se torna ferramenta vital para expandir horizontes internos e externos, reafirmando a literatura como ponte entre o eu e o mundo.

Ainda sobre a biblioterapia, ela não se limita à seleção de obras, mas integra-se a uma abordagem multidisciplinar, colaborando com profissionais da saúde para alinhar leituras a tratamentos terapêuticos, essa sinergia reforça a importância da literatura como complemento à saúde mental, ampliando reflexões sem substituir intervenções especializadas. O processo fortalece o empoderamento do leitor, transformando a experiência literária em caminho para cura, crescimento e conexão com narrativas coletivas, assim, o bibliotecário assume um papel essencial na promoção do bem-estar, unindo cuidado e responsabilidade social.

Dessa forma, o bibliotecário biblioterapeuta atua como mediador cultural e emocional, utilizando a literatura como ferramenta de transformação pessoal e social, colocando em prática suas habilidades, que exigem sensibilidade para equilibrar orientação e liberdade, respeitando as necessidades individuais do leitor sem impor preferências. A curadoria literária demanda atenção aos possíveis gatilhos emocionais, garantindo segurança e promovendo autoconhecimento por meio de textos diversificados e acessíveis.

Diante dos fatos expostos, dada a importância da temática, espera-se que a pesquisa possa promover reflexões e ações a respeito da inserção e atuação do bibliotecário na biblioterapia, atrelada a uma formação mais social e humana, em que o profissional irá ter um olhar mais atento ao usuário da unidade de informação, de maneira mais individualizada e empática, e da mesma forma entender as necessidades dele e da comunidade em que a biblioteca está inserida, além de, estar aberto para uma atuação interdisciplinar, podendo assim, executar ações mais eficazes.

A pesquisa permitiu uma análise das práticas e teorias relacionadas à biblioterapia e à mediação cultural, porém, é importante reconhecer as limitações deste estudo que se baseou principalmente na discussão teórica e na pesquisa exploratória, não envolvendo a coleta de

dados empíricos. Futuras pesquisas acerca do tema poderiam explorar a aplicação prática da biblioterapia em diferentes contextos, avaliando seu impacto real na vida dos leitores e na atuação dos bibliotecários. Durante a produção, foi observado a possibilidade de explorar a área da psicologia para entender como a leitura afeta o cérebro e consequentemente as capacidades cognitivas e emocionais do sujeito, além da possibilidade de ser feito um recorte sobre os hábitos de leitura dos brasileiros.

A leitura literária enquanto prática humanizadora, mostrou-se um elemento central no processo de autoconhecimento e reflexão, assim como funciona como uma ferramenta terapêutica capaz de promover o bem-estar emocional e o crescimento pessoal. A biblioterapia, como prática mediadora de leitura, é uma abordagem eficaz para o cuidado da mente, utilizando a literatura como um catalisador de transformações individuais e coletivas. A partir dessa análise, foi possível constatar que a biblioterapia não se resume à simples indicação de livros, mas envolve um processo complexo de mediação, que exige do bibliotecário sensibilidade, empatia e conhecimento técnico para selecionar obras que atendam às necessidades emocionais e psicológicas dos leitores.

O bibliotecário ao assumir o papel de biblioterapeuta torna-se um agente fundamental na promoção de saúde e no desenvolvimento intelectual dos indivíduos. Sua atuação envolve a criação de um ambiente seguro e acolhedor, onde a leitura pode ser uma experiência transformadora, no entanto, é importante ressaltar que a biblioterapia não deve ser vista como uma prática isolada, mas como uma parte de um conjunto de intervenções que envolvem outros profissionais da saúde, como psicólogos e psiquiatras. A colaboração interdisciplinar é essencial para garantir que a biblioterapia seja uma prática segura, ética e eficaz, capaz de promover o bem-estar emocional e o crescimento pessoal dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. G.; OLINTO, G. Biblioteconomia social na formação do bibliotecário: reflexões e análise de projetos pedagógicos no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 28, n., 2023. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/225125>. Acesso em: 2 de mar. 2024.
- BORGES, E. V. E. O texto além das palavras: uma visão ampliada da apropriação da informação por meio de textos literários. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 10 No 3, n. 3, 2016. <https://brapci.inf.br/#/v/14569> Acesso em: 02 de mar. 2024.
- BRASIL. **Resolução CFB nº 006/66**. Disponível em: <https://crb4.org.br/o-juramento/> Acesso em: 02 de mar. 2024.
- BRITTO, L. P. L. LEITURA: ACEPÇÕES, SENTIDOS E VALOR. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 21, n. 22, p. 18–31, 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1619>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- BRITTO, L. P. L.; BARZOTTO, V. H. Promoção x mitificação da leitura. **Boletim Informativo da Associação de Leitura do Brasil**. Campinas, ago. 1998. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/404250985/Barzotto-e-Britto-Promocao-e-Mitificacao-Da-Leitura>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- CALDIN, C. F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14701204>. Acesso em: 23 nov. 2023.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: LIMA, A. de (Org.). **O direito à literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 17-40.
- CECCANTINI, J. L. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In: FAILLA, Z. (org.) **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p. 83-98. <https://vdoc.pub/documents/retratos-da-leitura-no-brasil-4-41fdhdjou380>. Acesso em: 13 dez. 2024
- CONDE, Lucia. A Escolarização da leitura literária. **Constr. psicopedag.**, v. 23, n. 24, p. 105-118, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542015000100009. Acesso em: 17 dez. 2024.
- DUMONT, L. M. M. Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura. **DataGramaZero**, v. 3, n. 6, 2002. <https://brapci.inf.br/#/v/5446> Acesso em: 02 de mar. 2024.
- FIGUEIREDO, N. M. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ciência da Informação**, v. 21, n. 3, 1992. <https://brapci.inf.br/#/v/21833> Acesso em: 01 de mar. 2024
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 25 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GULLAR, Ferreira. **Melhores poemas**. São Paulo: Global, 2012.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. 2 vol. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LAURO, Rafael. Deleuze: o que é filosofia. **Razão inadequada**, 12 nov. 2014. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2014/11/12/deleuze-o-que-e-filosofia/>. Acesso em 05 jan. 2024.

LIMA, Celly de Brito; PERROTTI, Edmir. Bibliotecário: um mediador cultural para a apropriação cultural. **Informação@Profissões**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 161–180, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28319>. Acesso em: 10 dez. 2024.

LIMA, Aldo de. O ensino da literatura e a pedagogia do digesto. In: LIMA, Aldo. de (Org.). **O direito à literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 41-54.

LINDEMANN, Cátia Rejane. **A busca pela Biblioteconomia Social por meio da Ciência da Informação**. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/6000>. Acesso em: 10 mar. 2024.

LOBO, M. de S.; VALLS, V. M. Biblioteconomia Social nas produções científicas nacionais: uma abordagem na indexação com a utilização dos termos Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia. **Revista ACB**, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 1–29, 2023. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1876>. Acesso em: 2 mar. 2024.

MORAES, M. B. Responsabilidade social em biblioteconomia: caminhos históricos e possibilidades no ensino. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 112–135, 2021. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/39927>. Acesso em: 2 mar. 2024.

MORAES, Marielle Barros de. Responsabilidade social bibliotecária (RSB): o que significa em tempos de rupturas democráticas? In: SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis de Oliveira; MORAES, Marielle Barros de (Orgs.). **Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o século XXI**. São Paulo: ABECIN, 2018. p. 49-79.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PAJEU, H. M.; SANTOS, W. A. L. Mediação cultural e de leitura na formação do bibliotecário biblioterapeuta. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 15, n. 3, 2021. disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/246253>. Acesso em: 6 mar. 2024.

PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. Tradução: Arthur Bueno, Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. Ebook.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 01–22, 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992> Acesso em: 10 dez. 2024.

PRADO, Adélia. **Filosofia e Literatura - diálogos possíveis**. Disponível em: [https://sites.google.com/site/faculdadesaobentosite/pos-graduacao/filosofia-e-literatura---dilog os-possveis](https://sites.google.com/site/faculdadesaobentosite/pos-graduacao/filosofia-e-literatura---dilog-os-possveis). Acesso em: 07 jan. 2024.

RASTELI, Alessandro; FORMENTINI CALDAS, Rosângela. Percepções sobre a mediação cultural em bibliotecas na literatura nacional e estrangeira. **Transinformação**, [S. l.], v. 29, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/5991>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SHRODES, Caroline. Bibliotherapy: an application of psychoanalytic theory. **American Imago**, vol. 17, n. 3, p. 311-319, 1960. JSTOR: www.jstor.org/stable/26301742. Acesso em: 05 jan. 2024.

SILVA, V. B. da; FERNANDES, J. da S. G. Biblioterapia no Brasil: revisão integrativa de literatura de 2019 a 2021. **Revista ACB**, [S. l.], v. 28, n. 4, p. 1–19, 2023. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/2005>. Acesso em: 6 mar. 2024.

SILVA, J. L. C. As interfaces entre biblioteconomia e ciência da informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 12, n. 2, 2017. <https://brapci.inf.br/v/30353> Acesso em: 01 de mar. 2024.

SOUSA, C. Biblioterapia como recurso para a formação humana do bibliotecário. **Revista ACB**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 362–371, 2018. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1510>. Acesso em: 2 mar. 2024.

SOUZA, S.; SOUZA, S. Fundamentos filosóficos da biblioteconomia. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 14, n. 2, 1986. <https://brapci.inf.br/#/v/77853> Acesso em: 01 de mar. 2024.

TANUS, Gabrielle F. S. C. A biblioteconomia como ciência social. In: SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis de Oliveira; MORAES, Marielle Barros de (Orgs.). **Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o século XXI**. São Paulo: ABECIN, 2018. p. 77-93.

TANUS, Gabrielle F. S. C.; SILVA, D. C. Biblioteconomia social, crítica e progressista: mapeamento da produção científica nacional e internacional. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 15, n. 1, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/243656> Acesso: 02 mar. 2024.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. São Paulo: Contexto, 2019.

YUNES, Eliana. A literatura está mesmo em perigo? In: LIMA, Aldo. de (Org.). **O direito à literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 77-91.